



PUC
RIO

MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA

**O SEXUAL E A PULSÃO NA 2ª TÓPICA:
UMA ARTICULAÇÃO NA TEORIA DE FREUD**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, 14 de junho de 2000.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO**

**Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>**

N.Cham. 150 048s TESE UC
Autor Oliveira, Maria Corrêa de
Título O sexual e a pulsão na 2ª tópica



Ex.1 PUC-Rio - PUCB

00153524

MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA

**O SEXUAL E A PULSÃO NA 2ª TÓPICA:
UMA ARTICULAÇÃO NA TEORIA DE FREUD**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Junho de 2000.

MARIA CORRÊA DE OLIVEIRA

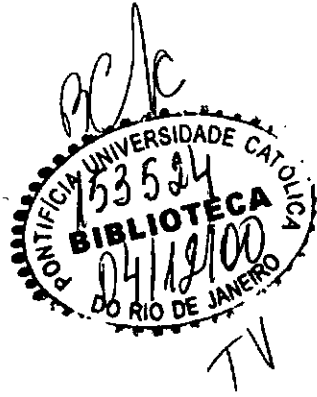
**O SEXUAL E A PULSÃO NA 2ª TÓPICA:
UMA ARTICULAÇÃO NA TEORIA DE FREUD**

*Dissertação apresentada ao Departamento de
Psicologia da PUC-RJ como parte dos requisitos
para obtenção do título de Mestre em Psicologia
Clínica*

Orientador: Octavio Souza

Rio de Janeiro, Junho de 2000.

103652



750
948s
TESE UC

Para Paulo, meu amor, meu companheiro, com quem conto infinitamente em todas as horas de minha vida. Por tudo que vivemos; pelos nossos desejos e sobretudo por nossas realizações.

Para Diana, minha alegria, meu *presente de Deus*.

Para Sonia Nassim, com quem tenho a *sorte* de poder partilhar a experiência de análise. E por me *acordar*, empurrando, incessantemente, para a ação.

AGRADECIMENTOS

Ao Departamento de Psicologia da PUC-RIO e à CAPES pelo auxílio financeiro no decorrer desta pesquisa.

A Octavio Souza, pela leitura rigorosa e pela orientação necessária, que possibilitaram elucidar meus encaminhamentos.

À Solange Jobim, pelo acolhimento carinhoso nos momentos em que necessitei.

À Marise e à Verinha, pela gentileza e presteza.

À Adriana Italo, com quem iniciei meus estudos no texto de Freud e cujos ensinamentos foram fundamentais para que essa dissertação fosse realizada. Agradeço sobretudo à orientação neste trabalho e todo o tempo e atenção concedidos. Sou grata também à sua generosidade com a transmissão do conhecimento, lucidez, enfim...por tê-la comigo.

À minha mãe, Magdalena, por ser a mulher forte e sensível que é. Pela disponibilidade, com quem posso incondicionalmente contar. E mais ainda, por Diana poder tê-la como avó .

Ao meu pai, Cyro, por gostar tanto da vida e por ter me ensinado a não desistir, mas insistir em tudo que desejo.

À minha irmã Ana, que me ensina a ser generosa e que tanto me ajudou nos cuidados com Diana, para que este trabalho fosse realizado e aos meus irmãos, Bel, Rodrigo, Marta e Raquel, por contarmos como contamos uns com os outros.

A Roberto Machado, pela solidariedade afetuosa e por me auxiliar, com infinitas revisões.

À minha *família indireta*, Bel Vidal, Sylvia Vidal, Annie Luporinni e Tony Vidal, pelo respeito ao meu trabalho.

À Cristiana Caldas e Ana Maria Furtado, minhas colegas de mestrado, que colaboraram de modos diversos neste trabalho, pelo carinho constante.

Aos amigos, Carlos Henrique Dantas, Clarice Boetger, Marilyn Oliveira e Sebastiana Wilbert, meus pares, pelo interesse com o meu trabalho assim como pelo incentivo sempre afetuoso.

À Beth Müller, Dionísia Rache, Olandina Pacheco, Giselda Santos e Ana Maria Continentino, presenças importantes em minha formação analítica.

Às minhas amigas, Silvia Rinaldi, Magda Lisboa, Vera Dodsworth, Wanda Freire, Flávia Moletta, Maria Fortuna e Lúcia Varela por acreditarem na minha capacidade e compartilharem constantemente das minhas alegrias.

Ao amigo, Marcos Lisboa, pela tradução do resumo.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo retomar e enfatizar a articulação feita por Freud entre os conceitos de pulsão e de sexual. Procuramos trabalhar os traços fundamentais que situam o sexual para a psicanálise, suas características, seu estatuto, suas fronteiras, e de que forma esta noção pode ser considerada fundamental para o exercício da psicanálise. Ser considerado como ponto central em uma teoria significa, para o sexual, afirmar a impossibilidade de reduzir-se às suas manifestações, aos seus modos de existência. Para manter a abstração necessária do conceito de sexual percorremos o texto freudiano tendo como *fio condutor* o aspecto econômico do conceito de pulsão e mais explicitamente a noção de pulsão de morte.

ABSTRACT

The dissertation main's objective is to discuss Freud's linkage between the concepts of instinct and sexual. We analyze the fundamental aspects of sexual to psychoanalysis, its main characteristics, statute, limits and how this notion can be considered central to the practice of psychoanalysis. In the case of sexual that means to establish the impossibility of reducing itself to its manifestations, its means of existence. In order to keep the abstraction needed to the concept of sexual, we study the work of Freud having as *conduit* the economic aspect of instinct and, more explicitly, the death instinct.

Palavras Chaves

Pulsão

Sexual

Sexualidade

Trauma

SUMÁRIO

Introdução, 1.

Capítulo 1 – *A sexualidade na teoria freudiana*, 5.

1.1 O conceito de sexualidade infantil, 6.

1.2 A noção de trauma, 13.

1.3 Moral sexual e respectivos efeitos na sexualidade, 32.

1.4 O uso dos gêneros masculino e feminino na obra freudiana e a presença do Complexo de Édipo, 37.

Capítulo 2 – *Libido, narcisismo e inconsciente: preâmbulo para a teoria das pulsões*, 45.

2.1 O conceito de libido, 46.

2.2 Algumas considerações sobre o narcisismo, 49.

2.3 Pulsão e inconsciente, 55.

Capítulo 3 – *Pulsão e sexualidade*, 63.

3.1 Sobre o apoio, 65.

3.2 A pulsão de morte, 74.

3.3 Destrutividade e criação ou o mal-estar da sexualidade, 80.

3.3 O sexual e a pulsão, 86.

Conclusão, 91.

Bibliografia, 96.

INTRODUÇÃO

Seguir a contra corrente é parte da
essência da psicanálise e, apesar das
aparências continua sendo até hoje.

Octave Mannoni

É sabido que a psicanálise trata fundamentalmente da sexualidade. Estudos e pesquisas em torno da sexualidade não são de modo algum raros ou escassos no âmbito psicanalítico. Não fosse o caráter errante da sexualidade, poderíamos nos perguntar o que nos faz ainda, mais uma vez, retomar este tema.

“A psicanálise vê sexo em tudo!”. À essa crítica banal e costumeira podemos replicar: “Parece que sim!”. No entanto resta saber se falamos da mesma coisa quando nos referimos a sexo. Assim, essa dissertação é mais uma tentativa de elucidar esta já tão batida questão que mesmo batida não cessa insistentemente de se colocar.

Partimos do pressuposto freudiano de que o conceito de sexual sempre esteve relacionado diretamente ao conceito de pulsão, da idéia de que sempre que se aborda a sexualidade se está também falando de um sistema complexo, caótico, com condições iniciais que não podem ser exatamente precisadas.

Nosso trabalho consiste principalmente em mapear um problema no interior da obra freudiana onde procuramos investigar a relação entre o conceito de sexual e o conceito de pulsão, tal como Freud propôs.

Na busca de um estatuto para o sexual na teoria freudiana trabalhamos esta relação sexual/pulsão, procurando mostrar qual é a questão fundamental no que tange o sexual em Freud e que uso se faz deste conceito nesta obra.

Iniciamos nosso trabalho a partir de uma pesquisa nos textos freudianos com o objetivo de

estabelecer o lugar que o conceito de sexualidade ocupa na teoria psicanalítica. Para tal partimos do conceito de sexualidade infantil, onde privilegamos as noções de pulsões parciais, zonas erógenas, auto-erotismo e perversão polimorfa, que nos pareceram mais relevantes para que o conceito de sexualidade fosse demarcado. Em seguida investigamos a noção de trauma percorrendo as várias modificações que Freud efetua ao longo de sua elaboração. Esta noção se revelou da maior importância em nosso trabalho, pois não somente representa uma das principais vias de acesso ao conceito de sexualidade, mas também nos mostrou que, no final de sua teorização, Freud retorna à articulação inicialmente esboçada no *Projeto para uma psicologia científica*, de 1895: desamparo, sexualidade e trauma.

Procuramos mostrar que Freud constrói sua teoria do sexual esvaziando-a cada vez mais de conteúdos e indicando a importância de uma abordagem mais abstrata da sexualidade, distanciando-se de uma noção desenvolvimentista e de uma organização *natural*, baseada no primado do genital. Assim, a psicanálise mostrou que a divisão em gêneros, masculino e feminino, em se tratando da sexualidade humana, não somente pode ser considerada reducionista mas sobretudo não se mostra suficiente na elucidação das formas de comparecimento da sexualidade. Para tal contamos com a crítica de Lanteri-Laura e com os comentários de Bourdieu.

O segundo capítulo trata fundamentalmente dos conceitos de libido, narcisismo e inconsciente, que mostraram-se imprescindíveis para que chegássemos ao conceito de pulsão na segunda tópica freudiana. Neste capítulo, por meio destes conceitos, tratamos principalmente da dificuldade em estabelecer critérios que demarquem fronteiras entre o que possa ser sexual e não sexual. Utilizamos alguns comentários de Lacan, com o intuito de buscar alguma luz na teoria freudiana para questões que nos parecem não possuir esclarecimentos definitivos.

O terceiro e último capítulo versa sobre a noção de pulsão tal qual Freud afirma a partir de 1920, depois do texto *Além do princípio do prazer*. Iniciamos este capítulo com a crítica de Laplanche a Freud em relação à noção de apeio. Em seguida abordamos duas vertentes

problemáticas no conceito de pulsão: a questão de um dualismo pulsional seguida da dificuldade em abordar os modos de aparecimento da pulsão como a pulsão propriamente dita, assim como a presença da agressividade na pulsão de morte.

Finalmente concluímos nosso trabalho com a articulação entre o sexual e a pulsão, onde desenvolvemos a associação proposta por Freud entre o estado de desamparo (*Hilflosigkeit*) e as moções pulsionais/sexuais.

A característica da pressão (*Drang*), presente no conceito de pulsão, é privilegiada em nossa abordagem. A pressão apresenta-se como um dos principais articuladores da forma de abordagem da teoria freudiana depois de 1920. Este aspecto é ressaltado por Freud, em 1915, no texto *Pulsões e suas vicissitudes*, como a própria *essência* da pulsão. Verificamos que abordar o conceito de pulsão em sua economia representa-se defrontar com a perene condenação do psiquismo em nunca dominar totalmente o excesso pulsional.

A grande dificuldade de obtermos definições precisas e a constante perplexidade diante do excesso e do caráter errante presente no sexual parecem levar a um constante reducionismo desta noção. A problemática parece estar também em sustentar o caráter paradoxal, mas em muitos momentos complementar, dos registros biológico e psíquico. Lembramos que o conceito de pulsão tal como Freud define, nas *Pulsões e suas vicissitudes*, encontra-se situado na fronteira entre o psíquico e o somático, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. Deste modo, nossa pesquisa não se propõe a sustentar ou defender uma única posição do texto freudiano – biológica ou psíquica – mas exatamente apontar a dificuldade em apontar as fronteiras entre estes campos com delimitações nitidamente definidas.

A forma com que pude percorrer os textos de Freud só pode ter sido feita de tal forma a partir das contribuições posteriores de Jacques Lacan, na França, e de MDMagno, no Brasil, autores que fazem parte de minha formação. Optamos em não trabalhar especificamente as

contribuições teóricas de Lacan e MDMagno, por ambos terem teorias com sistemas próprios de pensamento. Para aprofundarmos o pensamento desses autores seria preciso muito mais *espaço e tempo*, o que ampliaria de modo excessivo esta dissertação. No entanto, temos claro que não poderíamos ter abordado Freud da forma com que abordamos sem as contribuições de Lacan e MDMagno. A escolha em buscar esclarecimentos às nossas questões unicamente no texto freudiano foi feita a partir destes autores, nos *achados* que estes fizeram no texto de Freud.

Sendo assim, é nos textos freudianos, com comentários de alguns autores, que fizemos nosso percurso, onde o objetivo foi acompanhar a construção e a evolução da teoria sobre o sexual tal qual Freud a desenhou, delimitando em seus textos as questões acima esboçadas e que serviram ao intuito de chegar à articulação feita na segunda tópica, aquela que coloca como soberana a relação entre o sexual e o pulsional.

CAPÍTULO I

A SEXUALIDADE NA TEORIA FREUDIANA

‘Os seres humanos têm outros interesses, além dos sexuais’, dizem eles. (...) Nossa parcialidade é como a do químico, que atribui a todos os componentes a força da atração química. Nem por isso está negando a força da gravidade; deixa que o físico lide com ela. (Freud, 1917a:172)

Em 1897 Freud se vê cético em relação à teoria que vinha elaborando: as dificuldades diante de sua auto-análise; os empecilhos da própria clínica; a desconfiança diante do relato de cenas de sedução feito por suas pacientes histéricas, em que o próprio pai ocupava repetidamente o papel do sedutor; a dificuldade de distinguir, quando se trata de inconsciente, o que possa ser verdade ou ficção (ou seja, a dimensão de um outro tipo de realidade colocada pela hipótese do inconsciente) são os fatores preponderantes que fazem com que Freud redimensione sua teoria das neuroses.

O abandono da teoria da sedução na carta 69 de Freud a Fliess representou o início da formulação, cada vez mais explícita, de uma teoria das pulsões. Com o advento da psicanálise, a noção de sexualidade deixa de estar adscrita unicamente à anatomia dos corpos e à condição de uma atividade individual e reprodutora, para ser estendida, cada vez mais, ao psiquismo, à fantasia, possibilitando a construção de conceitos que virão a representar os pilares da teoria freudiana: sexualidade, inconsciente e pulsão.

A sexualidade infantil é o ponto de onde Freud parte para construir uma teoria da sexualidade. Ou seja, é a partir das manifestações e principalmente de situações presentes em sua clínica que a psicanálise, por excelência a teoria do inconsciente, se desenvolve e termina por apresentar uma teoria sobre o sexual que vai além das manifestações que aparecem a partir

deste sexual. Uma teoria que abrange, no que concerne à sexualidade, muito mais do que estamos habituados no *sensu comum*: a sexualidade descrita como a prática do uso do genital, assim como de outras partes do corpo, visando prazer e satisfação.

Vejamos como Freud articulou e construiu a partir da presença da sexualidade na infância não somente uma teoria da sexualidade, mas principalmente uma teoria da pulsão.

1.1 O conceito de sexualidade infantil

Por volta de 1893, Freud encontrava-se envolvido com trabalhos junto a Breuer que envolviam o método hipnótico, denominado também por Breuer como método catártico, por desempenhar o papel de descarregar toda uma carga de afeto. Embora Freud conjugasse a hipnose à sugestão, posteriormente a abandona por constatar a dificuldade que este método oferecia para que também se trabalhasse com as defesas presentes. Freud não tinha ainda a idéia precisa do que estes mecanismos de defesas representavam, e nem sequer a dimensão do que viria a representar, em sua teoria, o abandono do que se apresentava como um mero obstáculo para que o procedimento hipnótico atingisse seu objetivo. Ou seja, a dificuldade da rememoração de fatos que estariam na origem das manifestações sintomáticas e conseqüentemente a suspensão destes sintomas, viriam a ser relacionados posteriormente à noção de *recalque*, denominado por Freud como *a pedra angular* na compreensão das neuroses.

Na busca de uma possível origem das situações patogênicas, Freud aproxima-se da idéia de que nos primeiros anos de uma criança já havia a presença de uma soma de excitação sexual e conseqüentemente de reação contra ela. Mais tarde, em 1924, no texto *Um estudo autobiográfico*, Freud faz o seguinte comentário a respeito deste momento inicial:

Aprendi então por experiência própria, a qual aumentava rapidamente, que não era qualquer espécie de excitação emocional que estava por trás dos fenômenos da neurose, mas habitualmente uma excitação de natureza sexual, quer fosse um conflito sexual

comum, quer o efeito de experiências sexuais anteriores. (Freud, 1925a[1924]:36)

A esse conteúdo de natureza sexual, base da etiologia das neuroses, Freud conjuga o *esquecimento* de coisas que teriam sido de uma forma ou de outra aflitivos, penosos ou vergonhosos e que por esse *esquecimento* não puderam vir à luz. Freud percebe tratar-se do fenômeno do recalque, um processo que envolve uma verdadeira luta de forças.

A sexualidade infantil, inicialmente pensada a partir do afastamento da teoria da sedução, começava a ser esboçada mais cuidadosamente, e, junto com ela, a laboriosa tarefa de desfazer preconceitos, pois até então a sexualidade quando encarada como pertencente à infância era reconhecida somente como algo marginal ou fora de esquadro, como uma aberração da natureza:

Poucos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha explosão de indignação como a afirmativa de que a função sexual se inicia no começo da vida e revela sua presença por importantes indícios mesmo na infância. E contudo nenhum outro achado da análise pode ser demonstrado de maneira tão fácil e completa. (Freud, 1925a[1924]: 47)

No texto *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905, podemos encontrar o início da teorização do conceito de pulsão que tão amplamente ocupou a teoria freudiana. Trata-se de um texto incansavelmente trabalhado por Freud, tendo sofrido inúmeras modificações e acréscimos da data de sua 1ª publicação, 1905, à última, 1942.

A constatação de que impulsos sexuais atuavam normalmente desde o início da existência humana fez com que Freud percebesse uma certa economia pulsional reinando desde o momento do nascimento. Portanto, nesse texto, encontramos não somente a descrição da multiplicidade de manifestações sexuais, mas sobretudo a sexualidade descrita em sua amplitude, o que pode ser reconhecido na insistência de Freud em relação à presença da sexualidade em todas as realizações humanas.

Privilegiamos em nossa pesquisa as noções de *pulsões parciais*, *zonas erógenas*, *autoerotismo* e *perversão polimorfa*, presentes inicialmente na sexualidade infantil, por nos parecerem mais relevantes no trabalho de demarcar o conceito de sexualidade.

Logo no início do texto *Três ensaios sobre a sexualidade* podemos encontrar no questionamento de Freud sobre a problemática em torno da escolha de objeto os primeiros apontamentos sobre o estudo que desenvolverá posteriormente sobre as pulsões. Ao se perguntar sobre uma possível origem de escolhas objetais que tem no mesmo sexo o parceiro eleito, nos apresenta não apenas a ausência de critérios que estabeleçam essas escolhas, ou seja, a ausência de uma norma sexual, mas a presença do funcionamento pulsional regendo a sexualidade:

A natureza da inversão não pode ser explicada, quer pela hipótese de que é congênita, quer pela hipótese de que é adquirida. No primeiro caso, podemos perguntar sob que aspecto é ela congênita, a menos que queiramos aceitar a *explicação grosseira* de que todos nascemos com a [pulsão] sexual ligado a um determinado objeto sexual. (Freud, 1905:141 Grifos nossos)

Embora tenha feito algumas especulações a respeito da natureza das escolhas homossexuais, incluindo uma teoria da bissexualidade, Freud acrescenta em uma nota de rodapé, datada de 1915, que a psicanálise não pode trabalhar com uma separação entre homossexuais e heterossexuais, e nem mesmo com buscas de características especiais nessas escolhas. Ainda nessa nota de rodapé, Freud nos diz que:

Do ponto de vista da psicanálise, o interesse sexual exclusivo de homens por mulheres também constitui um problema que precisa ser elucidado, pois não é fato evidente em si mesmo, baseado em uma atração, afinal de natureza química. (Freud, 1905: 146)

A ausência de um *a priori* regendo as escolhas objetais será discutida muitas vezes ao longo da obra freudiana, principalmente no desenvolvimento da questão pulsional, mas não podemos

deixar de registrar a presença aqui delineada da problemática contingencial da escolha objetal:

Parece provável que a [pulsão] sexual seja, em primeiro lugar, independente de seu objeto; nem é provável que sua origem seja determinada pelos atrativos de seu objeto. (Freud, 1905: 149)

Com essas palavras nos parece que Freud indica o esvaziamento da importância da natureza e do objeto sexual para concentrar suas investigações na força, “esmagadoramente superior”¹ ao próprio psiquismo, na pulsão propriamente dita,

A ampliação da sexualidade diz respeito, em primeiro lugar, ao abandono de uma idéia a respeito da sexualidade que centrava-se não somente na união dos órgãos genitais, mas também na cópula entre indivíduos de sexos opostos aliada à reprodução.

¹ Palavras utilizadas por Freud no texto *O futuro de uma Ilusão*, de 1927, para descrever o caráter pulsional.

Freud constrói sua teoria com uma idéia de sexualidade presente de outras formas e principalmente em outras regiões corporais.

A essas regiões Freud denomina de zonas erógenas e já haviam sido reconhecidas como tal na carta 75 a Fliess, onde afirma que na infância a sexualidade não está localizada onde se presumia que estivesse. Essa colocação faz com que a sexualidade se presentifique não somente em locais insuspeitados, mas remete também à ausência de um único local onde o prazer estaria concentrado.

As zonas erógenas são regiões suscetíveis de se tornarem excitáveis, de proporcionarem algum tipo de prazer, locais de onde a pulsão sexual emana. Nomeia a pele, “que em determinadas partes do corpo se distinguiu como órgão sensorial ou se modificou em membrana mucosa” (Freud, 1905:172) como a zona erógena por excelência e postula a boca e o ânus, também regiões mucosas, como zonas privilegiadas em termos erógenos por serem zonas de entrada e saída, de relação com o mundo externo, assim como locais que exigem cuidados e, conseqüentemente, são mais excitáveis por aquele que do bebê se ocupa, como também estão presentes de forma intensa nas preliminares que antecedem a cópula.

Embora tenha dito que algumas regiões são privilegiadamente erógenas, mais tarde, em 1940, no texto *Esboço de Psicanálise*, dirá que a libido se origina das “partes mais proeminentes do corpo, conhecidas como ‘zonas erógenas’, embora de fato, o corpo inteiro seja uma zona erógena deste tipo”.(Freud, 1940h[1938]:176)

As atividades sexuais denominadas como perversões e relacionadas às zonas erógenas não apenas eram assim denominadas por suscitarem “repugnância”, mas principalmente por fugirem à norma sexual caracterizada pelos fins reprodutivos, colocando em risco a suposta “finalidade maior”, a preservação da espécie.

Uma das primeiras manifestações da sexualidade infantil encontra-se no ato de sugar, na repetição rítmica presente neste contato, fonte de prazer. A partir dessa manifestação, outras

tantas seguem o mesmo modelo de busca de prazer podendo, no entanto, transformar o próprio corpo como objeto, prescindindo de um objeto externo. Freud se utiliza do ato de chupar o dedo para exemplificar de que modo esse ato contém, nele mesmo, a manifestação de uma forma de obter prazer com o próprio corpo. Assim como o sugar o dedo, qualquer outra parte do corpo pode apresentar a mesma suscetibilidade ao estímulo que os órgãos genitais apresentam. Característico da sexualidade infantil e localizando-se como um estado original que antecede ao narcisismo, a pulsão não é dirigida para objetos externos, mas tem no próprio corpo do indivíduo o seu objeto sexual, ao que Freud nomeia de 'auto-erotismo'².

Em alguns momentos ao longo de sua teoria Freud diz claramente que não é partidário da idéia de nomear o comparecimento pulsional em pequenas e numerosas espécies de pulsão. Para tal vai construir seu pensamento na forma de um dualismo pulsional operando com duas formas de funcionamento, que como veremos mais adiante sofrerá modificações em sua obra. No entanto, nos *Três ensaios sobre a sexualidade*, Freud propõe a noção de pulsões parciais onde considera a possibilidade de associar fontes somáticas a alvos específicos.

Na carta 75, de Freud a Fliess, Freud levanta a suposição de que uma das distinções da sexualidade presente na infância, da sexualidade adulta, é a forma com que a pulsão sexual se manifesta. Na infância a sexualidade se manifesta de forma fragmentada, de modo auto-erótico, com um funcionamento que pode se originar de fontes e alvos distintos, parcializada. É o que nos diz Freud na conferência XXI:

À sexualidade infantil, falando genericamente, falta essa centralização; suas pulsões parciais separadas possuem iguais direitos, cada um dos quais seguindo seus próprios rumos na busca de prazer.(Freud, 1917a[1916-1917]:378)

Parcialidade que faz com que a sexualidade se apresente em elementos dispersos a partir dos

² Termo que Freud toma emprestado de Havelock Ellis, mas utiliza em um sentido diferente, pois o que interessa à psicanálise é o que é considerado como objeto de investimento da pulsão.

quais a libido poderá apresentar-se unificada e organizada em torno do genital.

Na infância a combinação das pulsões parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma.(Freud, 1923a:180)

Fragmentação que caracteriza a sexualidade em suas infinitas formas, onde o funcionamento das pulsões parciais se manifesta na diversidade das zonas erógenas com o único objetivo de obter prazer.

Em um determinado momento dos *Três Ensaio*s, Freud diz que a presença dessa parcialidade nas perversões sexuais onde os impulsos encontram-se dissociados dá a dimensão da complexidade existente no impulso sexual. À essa disposição sexual constitucional das crianças, com tamanha variedade, onde não apenas zonas privilegiadamente erógenas são objetos da pulsão, mas qualquer outra parte da pele ou membrana mucosa, Freud nomeia de perversão polimorfa, presente não apenas na sexualidade infantil, mas também na vida sexual das “pessoas sadias”, nas palavras de Freud. Sendo assim, o conceito de perversão polimorfa está relacionado à diversidade das zonas erógenas, que é o corpo da criança. A libido pode percorrer inúmeras partes do corpo, fazendo com que haja um rico processo de substituições e possibilitando que estas zonas sejam intercambiáveis entre si através desta imensa variabilidade de objetos a que as zonas erógenas se prestam. Uma diversidade que encontra-se submetida às pulsões parciais e que antecede a organização genital.

Podemos concluir que estes conceitos levaram Freud a constatar que a sexualidade não apenas transcendia a prática de reprodução da espécie, mas conduzia a uma idéia que de fato viria a representar um corte radical na forma de abordar o humano, conduzia à teoria do inconsciente e mais especificamente à teoria das pulsões. No entanto, a síntese que apresentamos do conceito de sexualidade infantil representa em nosso trabalho o início do caminho sugerido por Freud para

chegar à uma teoria a partir de suas manifestações, chegar à uma teoria do sexual através do comparecimento da sexualidade.

1.2 A noção de trauma

O conceito de trauma na teoria freudiana representou não somente uma das principais vias de acesso ao conceito de sexualidade infantil, mas também um conceito que sofreu mudanças ao longo da construção freudiana, resistindo a estas mudanças e terminando por ser associado por onde Freud iniciou suas investigações, diretamente associado ao sexual.

Por volta de 1893-94, Freud está concentrado nas pesquisas em torno de uma possível etiologia para a histeria, e a noção de trauma está associada não apenas a um acontecimento pessoal responsável por sentimentos penosos, mas também a uma concepção econômica relacionada a somas de excitação que não foram dissipadas, acarretando danos e perturbações no funcionamento do aparelho psíquico:

Realmente o termo 'traumático' não tem outro sentido senão o sentido econômico. Aplicamo-lo a uma experiência que, em curto período de tempo, aporta à mente um acréscimo de estímulo excessivamente poderoso para ser manejado ou elaborado de maneira normal, e isto só pode resultar em perturbações permanentes da forma em que essa energia opera. (Freud, 1917b [1916-1917]:325)

Como pano de fundo dessa concepção, Freud tem seu *Projeto para uma Psicologia Científica*, de 1895, onde, na tentativa de conciliar os interesses da neurologia e da psicologia, descreve os fenômenos mentais em termos fisiológicos para tentar dar conta do modo como o organismo se defende, age ou reage, em relação aos estímulos internos e externos. No *Projeto*, o princípio de constância – uma modificação do princípio de inércia – é concebido por Freud para ilustrar a necessidade desse organismo de livrar-se de excessivas alterações energéticas e de

manter, no nível mais baixo possível, a quantidade interna de estímulos.

Ligado ao princípio de constância e utilizado por Freud como um princípio econômico do funcionamento mental – cujo objetivo é fundamentalmente evitar o desprazer –, o princípio do prazer se apresenta como um princípio que opera com o esforço de baixar o *quantum* energético, fazendo com que a energia escoe o mais livremente possível. Esta noção, embora se assemelhe economicamente ao princípio de constância, difere no que concerne ao modo desta operação se suceder. Enquanto no princípio de constância a energia se apresenta ligada, para que haja a manutenção de uma estabilidade, no princípio do prazer a energia é livre. Embora, como dissemos acima, em diversos momentos da teoria de Freud estes princípios se assemelhem, Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário de psicanálise*, nos dizem que:

Outro problema, (...) diz respeito à relação entre o prazer e constância. Com efeito, mesmo admitindo a existência de um significado econômico, quantitativo de prazer, permanece a questão de saber se aquilo à que Freud chama de princípio de prazer corresponde a uma manutenção da constância do nível energético ou a uma redução radical das tensões ao nível mais baixo. Há numerosas formulações de Freud assimilando princípio do prazer e princípio de constância que se encaminham no sentido da primeira solução. (Laplanche&Pontalis, 1986:468)

Os autores citados prosseguem dizendo que, *no entanto*, se nos referirmos ao conjunto de referências fundamentais, tais como o *Projeto*, de 1895 ou o *Além do princípio do prazer*, de 1920, veremos que a questão se modifica:

(...) o princípio do prazer se acha antes em oposição à manutenção da constância, quer porque corresponda ao *livre escoamento da energia* enquanto a constância corresponde a uma *ligação dela*, quer porque em última análise Freud indaga se o princípio do prazer não estará a serviço da pulsão de morte. (Laplanche&Pontalis, 1986:468. Grifos nossos)

Contudo, embora Freud sugira em 1920 que o princípio do prazer e o princípio de Nirvana estejam muito próximos devido ao fator quantitativo que relaciona prazer e desprazer a aumento e diminuição de tensão, no texto de 1924, *O problema econômico do masoquismo*, Freud vai dizer que há também o fator qualitativo em questão. De acordo com Freud, este pode ser reconhecido, claramente, no estado de excitação sexual onde o aumento de tensão acarreta um estado de sensações que não é, de modo nenhum, desprazeroso. Freud aparenta ter dificuldades para elucidar melhor esta questão, remetendo à imprecisão que reside na definição desta característica qualitativa. Porém a idéia de não assimilar totalmente o princípio do *Nirvana* ao princípio do prazer permanece e Freud dá um destino à esta questão: para Freud, o princípio de *Nirvana* expressa a tendência da pulsão de morte e o princípio do prazer representa as exigências da libido. No *Além do princípio do prazer* esta idéia já estava esboçada, uma vez que neste texto Freud já faz indicações de que há uma força, derivada da natureza mais íntima das pulsões, suficientemente poderosa atuando *para além* do princípio do prazer.

De acordo com a idéia que estamos seguindo³, os termos morte e vida representam sobretudo modos diferentes e complementares da presença da pulsão, e, sendo assim, o princípio do prazer, a libido e o princípio de *Nirvana* fazem parte de um único e mesmo conceito, o de pulsão. Nas palavras de Freud, representam um ‘conjunto de vinculações aparentemente pequeno mas interessante’:

(...)Não é difícil imaginar a força que foi a fonte da modificação. Ela só pode ser a [pulsão] de vida, a libido, que assim, lado a lado com a [pulsão] de morte, apoderou-se de uma cota na regulação dos processos da vida. Assim, obtemos um conjunto de vinculações pequeno mas interessante. O princípio de *Nirvana* expressa a tendência da [pulsão]de morte; o princípio de *prazer* representa as exigências da libido, e a modificação do último princípio, o princípio de *realidade*, representa a influência do mundo externo. (Freud, 1924a:201)

³ Idéia implícita em Freud sobre o conceito de pulsão de que há somente uma e única pulsão, indeterminada e atemporal. Trabalharemos mais adiante esta questão.

A noção de trauma exposta no início da formulação da teoria psicanalítica, ou seja, a partir de 1890, considera traumático um acontecimento na vida de alguém que torna-se relevante por suscitar emoções e afetos desagradáveis. Nos *Estudos sobre a Histeria*, de 1895, é exposta a idéia da noção traumática estar relacionada a uma questão econômica, pois fica evidenciada a dificuldade do psiquismo de equacionar esta soma de excitação tal qual é exigido pelo princípio de constância, ou seja, manter o nível de excitações o mais baixo possível.

A quantidade energética presente no trauma (excessiva) estava precisamente associada a excitações relacionadas a atividades de cunho sexual. Nos diz Freud, em uma carta a Breuer:

A vida sexual é especialmente apropriada para proporcionar o conteúdo [de tais traumas], devido ao contraste muito grande que representa para o restante da personalidade e por ser impossível reagir a suas idéias. (Freud, 1940-41[1892]: 170)

A dificuldade sugerida – e que ao longo da teoria de Freud vai se tornando cada vez mais uma questão – situa-se em torno da assimilação e do uso que o psiquismo faz dos impulsos relacionados à sexualidade. Por que a sexualidade traumatiza? O que é essa sexualidade e o que tem nela de tão impactante? Estas nos parecem ser questões que ainda fazem com que incessantemente o pensamento de Freud dê margens a múltiplas e muitas vezes equivocadas interpretações, o que nos leva a abordar esse tema no presente trabalho na busca de possíveis articulações para tentar elucidar esta questão.

A idéia de Freud era a de que havia, de fato, uma estreita ligação entre o surgimento do sintoma e as experiências de vida. O sintoma poderia não ser resultante de uma única cena traumática, de forte impacto no psiquismo, mas o resultado da soma de excitações que tiveram efeito no psiquismo e que não puderam ser ab-reagidas. Isto é, por não ter sido suficientemente escoada, essa soma de excitação passava a causar desprazer e,

consequentemente, a formar sintomas:

Ora, descobrimos que não há nos pacientes histéricos nada além de *impressões que não perderam seu afeto* e cuja lembrança permaneceu vívida.(...) e a observação mostra que, no caso de todos os eventos que se tomaram determinantes dos fenômenos histéricos, estamos lidando com traumas psíquicos que não foram totalmente ab-reagidos, ou completamente tratados. (Freud, 1893:46. Grifos nossos)

Embora a hipótese da importância da sexualidade já estivesse presente nas indagações de Freud, a etiologia sexual como fonte primordial da situação traumática começa a ser esboçada por volta de 1895-97, paralelamente a elaboração da teoria da sedução. Sendo assim, a hipótese do trauma baseada na teoria da sedução se estabelece a partir de uma idéia equivocada – a de que os acontecimentos relatados por suas pacientes histéricas pertenciam a fatos concretos – e que somente virá a ser esclarecida a partir da descoberta da fantasia. É o que nos diz Freud no texto

Um estudo autobiográfico:

(...) devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido consequências fatais para todo o meu trabalho. Sob a influência do método técnico que empreguei naquela época, a maioria dos meus pacientes reproduzia de sua infância cenas nas quais eram sexualmente seduzidos por algum adulto.(...) Eu acreditava nestas histórias e, em consequência, supunha que havia descoberto as raízes da neurose subsequente nessas experiências de sedução sexual na infância.(Freud, 1925a[1924]:47)

No período entre 1895-1897 Freud ainda não considera a hipótese de uma sexualidade infantil e por isso a noção de trauma abrange duas situações: em um primeiro momento, a sedução não poderia ter sido apreendida como sexual, o que faz com que a sedução, sofrida pela criança e vinda de um adulto desperte emoções incompreendidas. E somente num segundo momento, depois da infância, é que a lembrança – cuja origem remonta aos traços psíquicos, traços

mnêmicos, marcas da experiência infantil – vem tornar-se dolorosa, traumática:

Era como se a psicanálise não pudesse explicar nenhum aspecto do presente sem se referir a algo do passado; mais ainda, que toda experiência patogênica implicava uma experiência prévia que, embora não patogênica em si, havia, não obstante, dotado esta última de sua qualidade patogênica. (Freud, 1914a:19)

Ou seja, não era o acontecimento em si, pertencente ao passado, que se apresentava como traumático, mas a rememoração deste passado, isto é, as reminiscências deste passado que teimavam em vir à luz, razão que faz Freud afirmar que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”(Freud,1893-1895:45).

Freud trabalha esta situação traumática a partir do sentido que tem o termo *Nachträglichkeit*, normalmente traduzido por “a posteriori” ou “só-depois”⁴. No texto *A sexualidade na etiologia das neuroses*, de 1898, Freud refere-se a este mecanismo dizendo que os acontecimentos que estão na raiz das psiconeuroses pertencem não ao momento atual, mas a um momento passado, provavelmente pertencente à época da primeira infância. No entanto, no momento em que ocorreram não tiveram o efeito significativo, que depois, num *efeito retardado*, passam a apresentar.

Este segundo momento, de evocação de uma situação passada, ocorre por associação de novos significados aos acontecimentos passados. Assim o que é traumático é a significação, que diz respeito a um certo modo de lidar com as experiências. Ou seja, o valor de traumático será concedido a partir da forma com que cada pessoa lida com o que lhe acontece, atribuindo o sentido traumático a partir do desamparo em relação ao perigo que das experiências possa resultar. Sendo assim, o valor de traumático somente será concedido posteriormente, no *só-depois*.

⁴ Em francês: *après-coup*. Estamos aqui utilizando o termo cunhado por MDMagno.

O afastamento da idéia de que de fato ocorriam cenas de sedução tal como eram relatadas por suas histéricas fez com que Freud abandonasse uma primeira concepção da teoria das neuroses: a de que os sintomas estavam relacionados a fatos reais. A teoria da sedução estava sendo posta em questão e a formulação do conceito de fantasia começava a se estabelecer fazendo com que essas situações, vividas como se fossem reais, se passassem em uma outra cena, numa dimensão inconsciente, onde o pensamento se iguala a desejo:

A descoberta, comprovada, de que no inconsciente não há indicações de realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto. (Freud: 1892:280)

A partir desse reconhecimento, o elemento até então denominado de traumático – o aliciamento e as abordagens eróticas por parte de pais ou tios que Freud encontrava na fala de suas histéricas – é deslocado para a fantasia e a atividade sexual infantil revela-se, passando, ambas, a determinarem os rumos que a vida sexual posterior assumirá:

Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas a traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na fantasia, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. (...) essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade auto-erótica dos primeiros anos de infância (...) E agora, de detrás das fantasias, toda a gama da vida sexual da criança vinha à luz. (Freud, 1914a: 28)

No entanto, como assinala Garcia-Roza, Freud não abandonará jamais a teoria da sedução, construindo uma outra forma de tratar o que possa ser denominado como tal. Isso pode ser localizado nos *Três Ensaio sobre a Sexualidade*, de 1905, onde Freud nos diz que a sedução é encontrada nas experiências de qualquer criança, pois elas são frequentemente tratadas prematuramente como um “objeto sexual”, assim como às crianças é ensinado como obter satisfação de suas zonas genitais:

A relação de uma criança com quem quer que seja responsável por seu cuidado proporciona-lhe uma fonte infindável de excitação sexual e de satisfação de suas zonas erógenas. (...) Uma mãe provavelmente ficaria horrorizada se lhe fosse dito que todos os seus sinais de afeição estavam despertando as [pulsões] sexuais do filho e preparando-os para sua intensidade ulterior. (Freud, 1905:229,230)

Freud está falando do corpo erogeneizado do bebê, corpo demarcado por aquele que cuida, limpa, acaricia. Cuidados que também servirão como seduções, trilhamentos, isto é, fazer com que esse corpo desperte, mostre-se um corpo vivo, sensível, um corpo que pulsa, um corpo sexual.

Com o conceito de fantasia nas mãos, a dimensão inconsciente passa definitivamente a ser considerada como elemento principal na teoria do psiquismo, fazendo com o que o momento inaugural da psicanálise seja composto pelos seguintes elementos: a descoberta de que na realidade da fantasia há uma intensidade equivalente ou maior de forças do que as que encontramos nas experiências reais; a fantasia encontra-se na raiz da etiologia das neuroses e o reconhecimento, gradual, das pulsões sexuais presentes na infância.. Deste modo, a etiologia das neuroses permanece no campo da sexualidade. O que se modifica radicalmente é a forma de abordagem. A sexualidade presente na infância deixa de estar unicamente adscrita a um acontecimento denominado como traumático para ser reconhecida no próprio funcionamento do psiquismo:

Obviamente, a sedução não é necessária a fim de despertar a vida sexual de uma criança; esta pode também surgir espontaneamente de causas internas (Freud, 1905:196)

Freud retoma a noção de trauma posteriormente, em textos tais como *Além do Princípio do Prazer*, de 1920; *Inibição, Sintoma e Angústia*, de 1926, e na Conferência XXXII, *[Angústia] e Vida [Pulsional]*, de 1932.

Dando continuidade ao que já expomos anteriormente, e para que a noção de trauma continue a ser desenvolvida, a noção de princípio do prazer, um dos princípios que regem o processo mental, mostra-se ineficaz na preservação do indivíduo, pois não mede esforços para que o prazer seja obtido imediatamente. Essa ineficácia faz com que o princípio do prazer seja substituído pelo princípio de realidade, para que a preservação do indivíduo não seja exposta a tantos riscos. Segue o comentário de Laplanche&Pontalis que nos auxilia nesta articulação:

A noção de princípio de prazer intervém principalmente na teoria psicanalítica emparelhada com a de princípio de realidade. Assim, quando Freud enuncia de forma explícita os dois princípios do funcionamento psíquico, é este grande eixo de referência que ele põe em posição de destaque. As pulsões, de início, só procurariam descarregar-se, satisfazer-se pelos caminhos mais curtos. Fariam progressivamente a aprendizagem da realidade, que é a única que lhes permite atingir, através dos desvios e dos adiamentos necessários, a satisfação procurada. (Laplanche&Pontalis, 1986: 469)

De acordo com a descrição de Freud na 1ª tópica e seguindo o modelo da *experiência de satisfação* descrito no *Projeto*, o psiquismo vivencia uma situação que tem por modelo a urgência de obter aplacamento de determinadas inundações energéticas – para que o equilíbrio exigido por esse psiquismo não seja posto em perigo. Esta situação que tem como exemplo o ato de alimentar um bebê em seu início de vida demonstra a fragilidade, o *desamparo* deste bebê por necessitar desta *ação específica*, efetuada de diversas formas, já que, de início, o organismo não tem condições de promover. Desta experiência restam marcas, traços mnêmicos que servirão como trilhas, facilitações para o reinvestimento desta lembrança da satisfação da qual o psiquismo se utilizará sempre que este estado denominado por Freud como de *urgência* ou *desejo* for reativado.

A esta primeira instância de ativação do desejo, de onde resulta algo idêntico a uma percepção, Freud denomina de *alucinação*. Ou seja, segundo o princípio que rege este processo, o princípio do prazer, uma forma encontrada pelo psiquismo de obter satisfação de modo mais imediato. No entanto, na impossibilidade deste processo reinar absolutamente (devido ao incômodo causado por um desconforto como a fome, por exemplo), e, como observamos anteriormente, a partir da aprendizagem do princípio de realidade, uma situação de fracasso decorrente do processo alucinatorio faz com que o ego emergja como parte do sistema psíquico, como uma instância inibidora a serviço do princípio de realidade, para que a integridade do indivíduo seja mantida.

A partir de 1920, o ego se apresenta como resultante das identificações⁵, como uma instância que ocupa principalmente uma posição defensiva. Sempre às voltas com a árdua tarefa de servir a tantos senhores, id, superego e realidade externa, o ego tem a missão de estar constantemente atento para que, ao menor sinal de perigo, o psiquismo reaja com as defesas que dispõe. Ou seja, o ego tem a responsabilidade de estar constantemente atento à realidade. Sem dúvida, esse é apenas um entre tantos outros aspectos a respeito do ego na teoria psicanalítica. Mas não se trata de discorrer, aqui, sobre a complexa teoria que abarca a instância egóica. Tivemos a preocupação de nos ater na relação entre o ego e a questão do trauma tal como Freud formula nos textos acima citados.

O Além do Princípio do Prazer, considerado como um momento de virada na teoria freudiana pela postulação do conceito de pulsão de morte, e que vem transformar os pilares até então fundamentados, é um texto que segundo Freud surge como uma especulação. Neste texto são principalmente três as referências utilizadas: Darwin, Weissman e a termodinâmica, Freud faz uma ficção a respeito da forma com que uma vesícula viva reage diante

⁵ A mudança de abordagem em relação ao ego é iniciada em 1914, com o texto sobre o narcisismo, onde Freud deixa claro que o ego não existe desde o início: do auto-erotismo surge o ego, como decorrência do investimento narcísico realizado sobre a criança. Diferente da fragmentação presente no estado auto-erótico, o ego se apresenta como uma unidade e como objeto de investimento libidinal.

da possibilidade de receber estímulos excessivamente intensos. Imerso em um mundo repleto de estímulos, este organismo simples necessita de um escudo protetor para se proteger das inundações energéticas decorrentes de uma quantidade alta de estímulos vindas do exterior. Seguente a esse escudo forma-se uma camada cortical que será responsável pela recepção dos estímulos. Posteriormente esse córtex sensitivo será o sistema Cs. e também receberá excitações vindas do interior do organismo.

De acordo com Freud, no sentido dos estímulos recebidos do exterior, o funcionamento do sistema encontra-se resguardado e as quantidades de excitação que sobre ele incidem terão seus efeitos reduzidos. O mesmo não ocorre em relação aos estímulos pertencentes ao interior, por não haver este escudo protetor. O psiquismo encontra duas formas para lidar com estas excitações que provêm de dentro. Primeiramente se utiliza da série prazer/desprazer, um indicativo do que se passa no interior do aparelho. Posteriormente adota um modo específico de lidar com estas excitações que podem causar um aumento excessivo de despreazer: trata-as como se fossem externas, *forjando* um escudo para servir de proteção contra os estímulos em ação. Essa é também a origem da projeção, nos diz Freud, mecanismo utilizado para que o despreazer não ultrapasse um limite tolerável.

A construção de Freud segue com o intuito de relacionar o mecanismo descrito acima com a noção de trauma. O acontecimento traumático estará diretamente relacionado a essa gama de excitações e que rompem o escudo protetor, fazendo com que o funcionamento de energia do organismo seja tremendamente perturbado, colocando em ação todas as defesas possíveis. Na medida em que – na eminência traumática – não há mais condições de equacionar esta inundação energética, o princípio do prazer é destituído e surge o problema de dominar e vincular estas quantidades que irromperam:

Descrevemos como 'traumáticas' quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor. Parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente numa conexão desse tipo com

uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra os estímulos. Um acontecimento como um trauma externo está destinado a provocar um distúrbio em grande escala de funcionamento da energia do organismo e a colocar em movimento todas as medidas defensivas possíveis. (Freud, 1920a:45)

O que Freud nos chama a atenção é que a violência do impacto não é propriamente dessa ruptura do escudo protetor, uma “violência mecânica” como denomina, mas sim do fator surpresa, do susto propriamente dito diante de algo que se apresenta para o psiquismo como uma ameaça à vida. Assim sendo, o susto já é, ele mesmo, uma forma de defesa utilizada pelo psiquismo:

E atribuímos ainda importância ao elemento de susto. Ele é causado pela falta de qualquer preparação pela angústia, inclusive a falta de hipercatexia dos sistemas que seriam os primeiros a receber os estímulos. (Freud, 1920a:47)

Eis o sentido da neurose traumática comum: o saldo da enorme ruptura que foi causada no escudo protetor pelos estímulos que surgiram do exterior.

Se como vimos anteriormente a função do princípio do prazer/desprazer é evitar o desprazer, esse fluxo de energia excessivo e que paralisaria o indivíduo colocaria em questão esse funcionamento, o que faz Freud se perguntar o que estaria para além deste princípio, assim como nos permite observar que nesta noção de trauma o que encontramos fundamentalmente é a experiência de *excesso* pulsional:

Ao mesmo tempo, o princípio de prazer é momentaneamente posto fora de ação. Não há mais possibilidade de impedir que o aparelho mental seja *inundado com grandes quantidades de estímulos*; em vez disso, outro problema surge, o problema de dominar as quantidades de estímulo que irromperam, e de vinculá-las, no sentido psíquico, a fim de que delas se possa então desvencilhar. (Freud, 1920a:45. grifos nossos)

Isto é, escoar o máximo possível o que transborda para o impulso pulsional possa restaurar um estado anterior de coisas, retornar ao estado inanimado. Razão pela qual, neste texto, Freud propõe o princípio de *Nirvana*.

Freud percebe a incidência repetitiva de situações extremamente dolorosas presentes em sonhos traumáticos e que o fazem se perguntar a serviço de que princípio estes sonhos levam de volta à situação em que houve o trauma:

A realização de desejo é, como sabemos, ocasionada de maneira alucinatória pelos sonhos e, sob a dominância do princípio de prazer, tornou-se função deles. Mas não é a serviço desse princípio que os sonhos dos pacientes que sofrem de neuroses traumáticas nos conduzem de volta, com tal regularidade, à situação em que o trauma ocorreu. (...) Concedem-nos assim a visão de uma função de aparelho mental, visão que, embora não contradiga o princípio do prazer, é sem embargo independente dele, parecendo ser mais primitiva do que a [pulsão] de obter prazer e evitar desprazer. (Freud, 1920a:48)

Percebe nesse mecanismo, que vem a chamar de *compulsão à repetição*, uma tentativa de elaborar, de dominar esse fluxo intenso decorrente do traumatismo. Uma tentativa ativa de domínio sobre algo que foi experimentado de modo passivo. Presente também nas brincadeiras infantis – embora nessa situação a repetição de algo idêntico não deixe de ser fonte de prazer – e na transferência no tratamento analítico, este mecanismo vem a se tornar um dos conceitos mais importantes da teoria, o que leva Freud a se perguntar que força maior é essa que se encontra *além do princípio do prazer* e que transforma o funcionamento energético em uma condenação do psiquismo à força das pulsões. Um esforço contínuo, perene e fracassado, de dominação do aparelho psíquico sobre o pulsional.

No texto *Inibição, Sintoma e Angústia*, de 1926, onde é desenvolvida a complexa teoria da angústia, a noção de trauma ganha novos contornos a partir da função que o ego exerce diante da eminência traumática. Ao diferenciar a angústia como um sinal de perigo, resposta do ego diante

daquilo que ameaça, e a angústia automática, que surge diante da ocorrência de uma situação de perigo externo ou interno, onde o ego encontra-se despreparado, Freud apresenta a dupla face da angústia. Na conferência *Angústia e vida pulsional*, Freud apresenta com mais clareza suas reflexões sobre a angústia:

(...) não posso ver como objetar contra a existência de uma dupla origem da [angústia] – uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento. (Freud, 1933a[1932]:119)

A ocorrência e a produção desse sentimento de angústia são propriamente o sinal de que o ego – sede da angústia e das resistências – não tem recursos para lidar com situações que representem de algum modo perigo, ameaça. O comparecimento dessa angústia automática deixa o ego sem recursos, atacado internamente:

Esta concepção resulta no estabelecimento de uma espécie de simetria entre o perigo externo e o perigo interno: o ego é atacado de dentro, quer dizer, pelas excitações pulsionais, como é atacado de fora. O modelo simplificado da vesícula, tal como Freud o apresentava em *Para além do princípio do prazer*, deixa de ser válido. (Laplanche & Pontalis, 1986:683)

Estados que envolvem separação ou perda reinvestiriam o que Freud denomina no *Projeto* de ‘estado de desamparo’ e seriam os protótipos desse estado de angústia automática:

O essencial no nascimento, assim como em toda situação de perigo, é que ele imprime à experiência mental um estado de excitação marcadamente intenso, que é sentido como desprazer e que não é possível dominar descarregando-o. Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio de prazer malogram, chamemo-lo de momento traumático (Freud, 1933a[1932]:118)

Ainda nesta conferência [*Angústia*] e vida [*pulsional*] Freud acrescenta a importância das

quantidades envolvidas dizendo tratar-se principalmente da magnitude da soma de excitação que irá transformar uma mera impressão em um momento paralisante, traumático. Logo, o que ameaça não é o conteúdo de uma situação que pode vir a se apresentar como *perigoso*, mas as quantidades excessivas – portanto *perigosas* para o psiquismo – presentes nessa situação, diante da qual o organismo já reage em forma de fracasso ao que lhe é economicamente exigido:

Ou seja, tudo isso é uma questão de quantidades relativas. É apenas a magnitude da soma de excitação que transforma uma impressão em momento traumático, paralisa a função do princípio do prazer e confere à situação de perigo a sua importância. (Freud, 1933a[1932]:118)

Freud faz também alguns esclarecimentos a respeito dessa posição do ego de desamparo diante do excesso. Freud diz que *o que tanto ameaça*, o que é temido, diz respeito à emergência da situação traumática. Ou seja, segue o modelo do trauma que descrevemos anteriormente da ação *a posteriori*, onde uma situação outrora vivida surge dotada de investimento resignificada por um acontecimento atual:

São apenas as repressões *posteriores* que mostram o mecanismo que descrevemos, no qual a [angústia] é despertada como sinal de uma situação de perigo prévia. As repressões primeiras e originais surgem diretamente de momentos traumáticos, quando o ego enfrenta uma exigência libidinal excessivamente grande; elas formam de novo a [angústia], embora, na verdade, a partir do modelo do nascimento.(Freud, 1933a[1932]:118)

Nessa conferência citada acima, [*Angústia*] e vida [*pulsional*], Freud nos dá alguma luz a respeito da questão que colocamos anteriormente⁶, e que diz respeito à conexão entre a sexualidade e o traumatismo. Na tentativa de estabelecer uma distinção entre a angústia realística e angústia neurótica, Freud nos diz que aquilo que é tão temido pela pessoa diz respeito à própria

⁶ Questão que será desenvolvida de fato em nosso último capítulo.

libido, ou seja, a um perigo interno, não conscientemente reconhecido. Em outras palavras está dizendo que o medo, em última instância, diz respeito ao desejo:

Com referência à expectativa angustiante, a experiência clínica revelou que ela possuía regularmente uma conexão com a economia libidinal da vida sexual. (Freud; 1933a[1932]:105)

Podemos ver que o caminho estabelecido por Freud não é de modo nenhum linear. Suas investigações a respeito do trauma seguem a tentativa de estabelecer o que de fato causa tanto impacto para ser denominado como traumático. Assim, de acordo com o que propusemos anteriormente, nosso trabalho segue com o intuito de poder relacionar esta questão traumática à sexualidade, assim como ir aos poucos tecendo a articulação que estamos propondo entre o sexual e a pulsão de morte.

Inicialmente o trauma estava associado a um certo modo do psiquismo manifestar-se diante de algo, de algum acontecimento, que, por razões particulares, excede a possibilidade deste psiquismo administrar de modo eficiente quantidades energéticas. Freud afirma que o termo traumático só possui o sentido econômico, e este está ligado à assimilação dos impulsos sexuais pelo psiquismo. Logo, o que é tão impactante na sexualidade é esta exigência feita ao psiquismo que se apresenta em última instância como impossível de ser cumprida:

Reconhecemos nosso parêntese mental como sendo, acima de tudo, um dispositivo destinado a dominar as excitações que de outra forma seriam sentidas como afeitas ou teria efeitos patogênicos. (Freud, 1914b: 102)

A noção de pulsão de morte, proposta a partir de 1920, apresenta a tendência de retorno a um estado anterior que segue, por analogia, o modelo da entropia – para toda a transformação de energia em um sistema há a degradação da mesma, uma perda da energia disponível. Esta tendência irá colocar o psiquismo freqüentemente diante do fracasso que resulta da tentativa de

atingir este objetivo. Assim, a noção de trauma passa a estar cada vez mais ligada à experiência de desamparo diante dos excessos pulsionais. O que vem a ser denominado como traumático é o excedente no funcionamento da pulsão.

De acordo com Freud no *Além do princípio do prazer*, a forma de deste funcionamento pulsional comparecer é desejando não mais desejar – “o objetivo de toda vida é a morte” (Freud, 1920: 56), isto é, gozar de modo absoluto e total, o que faz com que desejar uma extinção radical de toda e qualquer tensão excessiva não somente se coloque como impossível, mas apresente a única saída possível ao aparelho psíquico: permanecer insistindo na dissolução de todo e qualquer excesso.

Sendo este ímpeto perene a marca registrada da experiência pulsional, resta ao que Freud denominou de pulsão de morte, a pulsão por excelência, a *primeira* pulsão, indicar a questão traumática, a economia sexual, a castração em sua vertente máxima de impossibilidade.

No entanto, a despeito do psiquismo não cessar de buscar um escoamento total dessa inundação energética, a vida segue e do impacto traumático presente nesse excesso sexual faz-se o mundo: arte, religião, psicanálise, ciência, filosofia.

(...) A diferença de quantidade entre o prazer da satisfação que é exigida e a que é realmente conseguida, é que fornece o fator impulsionador que não permite qualquer parada em nenhuma das posições alcançadas, mas na palavras do poeta ‘Pressiona sempre para a frente, indomado’⁷ (Freud, 1920a:60)

Procuramos mostrar o esforço de Freud em oferecer uma teoria do sexual construída em conceitos que possibilitaram à psicanálise *pós-Freud* uma abordagem mais abstrata da sexualidade. Porém, embora Freud tenha retirado a importância de tantos conteúdos, a sexualidade parece permanecer atrelada à uma anatomia dos corpos assim como estreitamente relacionada a comportamentos sexuais. Seguem alguns exemplos que podem ser encontrados na

literatura analítica:

Dör, no livro *Estruturas e clínica psicanalítica*, ao abordar o *falo*, apresenta uma equivalência com o órgão sexual masculino onde fica difícil perceber se a confusão é do histérico citado ou do próprio autor. Se a confusão é do histérico, estaria de acordo com a sua sintomática, mas e se for do autor?

Aí encontramos a relação ambivalente que o histérico mantém com o *falo*.(...) Não se sentindo investido ao nível da *atribuição fálica*, o histérico masculino responde com facilidade aos desejos de uma mulher sobre o modo *de não ter o pênis, ou de não tê-lo completamente*, donde este quadro sintomático familiar: a impotência e/ou a ejaculação precoce. (Dör, 1991:58. Grifos nossos)

Mais adiante, o autor aponta a confusão estabelecida sintomaticamente, porém parece mantê-la ao referenciar-se ao 'fisculturista' como aquele que supõe representar o corpo todo num *pênis*. Segundo o autor, o fisculturista supõe então que o corpo todo é um *pau*?

O fisculturismo está em representação fálica permanente: *à falta de ter o falo* ele assinala metaforicamente, com o corpo, que ele o é. Aqui a *confusão pênis/falo* é diferente. O *pênis é imaginariamente representado pelo corpo inteiro*.(Dör, 1991:92. Grifos nossos)

André, no livro *O que quer uma mulher?*, refere-se à mulher como aquela a quem falta algo. Perguntamos: Uma mulher *se julga faltosa* ou *encarna a própria falta*? E em ambos os casos, falta de quê?

Trata-se, em suma, de saber se é possível, como um *saber faltoso (o da castração)*, fazer emergir a verdade de um *ser que se julga encarnar essa própria falta: o ser feminino*.(André, 1987:13. Grifos nossos)

⁷ Mefistófoles, em Fausto, Parte I {Cena 4 }.

Também refere-se ao sexo como alguma coisa que não há como não associar diretamente à anatomia . Diante disso, perguntamos, sexo propriamente dito, quer dizer o quê? o genital?

(...)há alguma coisa no *corpo da mulher* que resiste ao *adorno fálico*, alguma coisa que dele se destaca como a própria morte, que é o *seu sexo propriamente dito*. (André, 1987:56.Grifos nossos)

Pommier, no livro *A ordem sexual*, também apresenta a idéia de *falo* equivalente ao órgão sexual masculino:

A atividade masculina, o fato de praticar atos que são assinados, simboliza o *falo* e acumula uma potência cuja característica é não ter consequências sexuais. (Pommier, 1992:144.Grifos nossos)

Assim como a idéia de castração associada à perda de genitais:

(...) uma coisa é a *angústia de castração "da mãe"*, e outra é a *"do sujeito"*; uma coisa é a ameaça que pesa sobre o corpo em sua totalidade, e outra, mais uma vez, é aquela em que somente o *pênis (ou o clitóris)* são afetados. (...) *a castração concerne à sexualidade do ser humano no que ela tem de mais concreto, e a própria reprodução não poderia realizar-se sem ela*. (Pommier, 1992:71.Grifos nossos)

Estas passagens nos indicam que, embora Freud tenha apontado a importância de esvaziar determinados conteúdos, a sexualidade permanece ainda como um ponto obscuro e dotado de sutilezas que terminam por conduzir a estas imprecisões. Nossa aposta é a de que Freud realmente tenha que ser contextualizado em sua época mas, todavia, a ruptura efetuada por sua teoria exige que possamos encontrar, nas indicações que o texto freudiano fornece, a possibilidade de manter este sexual diferenciado das referências anatômicas, de gênero ou culturais. Vejamos

então o trabalho de Freud nesta tentativa de elucidação e algumas contribuições que tocam em nossas questões.

1.3 Moral sexual e respectivos efeitos na sexualidade

Algumas questões tornam-se relevantes para o tema abordado. Nos parece que no âmbito analítico fazer essa separação do modo infantil e adulto de comparecimento da sexualidade atrapalha uma noção mais articulada e abrangente da obra freudiana.

Embora essa distinção seja feita por Freud em um determinado momento, será mesmo que o que propõe no conjunto de sua obra é uma noção desenvolvimentista da sexualidade, uma organização que se sucede de forma natural, calcada em um desenvolvimento maturacional?

Não podemos deixar de lembrar que a passagem que a pulsão faz de um estado anárquico, das pulsões parciais, para alguma ordem sexual, somente se efetua sob a égide de exigências normatizantes, obtida como resultante das forças impiedosas do recalque⁸.

Tudo isso faz parte do primado do genital, exigido e valorizado pela norma cultural e tão bem descrito no texto de 1908, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna*, onde Freud apresenta o antagonismo existente entre a civilização e a pulsão. Para essa moral sexual civilizada a pulsão realmente deve passar por uma *evolução* para que possa atingir uma *normalidade*:

Considerando essa evolução da [pulsão] sexual, podemos distinguir três estádios de civilização; um primeiro em que a [pulsão]o sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo da [pulsão] sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução legítima é admitida como meta sexual. A esse terceiro estádio corresponde a

⁸ Freud aborda com muita precaução a ineficiência e a limitação dessas forças repressoras, pois ao longo de sua obra, ficará explícito o fracasso permanente de submeter a pulsão a alguma moral civilizada sem que danos psíquicos sejam visíveis.

moral sexual 'civilizada' da atualidade. (Freud, 1908 a:194)

Uma normalidade exigida pela moral que é sempre adquirida e jamais natural. Diferente de tomar a normalidade como absoluta e segura, ela se apresenta em sua condição de fragilidade e precariedade, pois nada garante que não se retorne à situação inicial, de perversão polimorfa. (Lanteri-Laura, 1986):

A normalidade é um resultado da repressão de certas [pulsões] e componentes constituintes da disposição infantil e da subordinação dos constituintes remanescentes sob o primado das zonas genitais a serviço da função reprodutiva (Freud, 1905:289)

E a sexualidade em sua forma 'adulta', formatada, restringe o modo de operar pulsional da sexualidade, mas é o que se pode obter como uma das saídas possíveis de tamanha pressão recalçante:

O essencial desse conceito operacional de sexualidade infantil, a partir de 1905, decorreu menos da afirmação inutilmente paradoxal da presença da sexualidade nas crianças, que até então eram consideradas desprovidas dela, do que à constatação do caráter obrigatoriamente conflitivo da evolução ontogenética da sexualidade: *a sexualidade adulta não é uma aquisição natural*, porém uma saída satisfatória de uma engrenagem de conflitos que poderiam ter tomado um rumo diferente. (Lanteri-Laura, 1994: 70. Grifos nossos)

O que podemos concluir é que os atributos pertencentes à sexualidade infantil – entre eles a obtenção de satisfação por meio do estímulo apropriado de zonas erógenas que foram selecionadas de uma maneira ou de outra – constituem a sexualidade pertencente ao humano, seja ele uma criança ou um adulto. Modo que se origina na infância, mas que terá esse mesmo caráter ao longo da vida adulta:

(...) verificou-se que todas essas inclinações à perversão tinham suas raízes na infância, que as crianças têm uma predisposição a todas elas e põem-nas em execução numa medida correspondente à sua imaturidade – em suma, que a sexualidade pervertida não é senão uma sexualidade infantil cindida em seus impulsos separados (Freud, 1917c[1916-1917]:363).

O auto-erotismo, as zonas erógenas, as pulsões parciais e a perversão polimorfa encontram-se presentes no modo sexual de se posturar, nos mostrando que para a psicanálise “não há aberrações sexuais, ou melhor, de que a sexualidade humana é, em si mesma, aberrante e perversa”(Garcia-Roza, 1996:30). É o que nos diz Freud:

(...) torna-se impossível não reconhecer que esta mesma disposição para as perversões de toda espécie é uma característica humana geral e fundamental. (Freud, 1905:196)

Assim, nos parece que na obra freudiana é possível essa leitura onde a sexualidade permanecerá fragmentada; onde não ocorre *naturalmente* o abandono sugerido dos locais presentes nas pulsões parciais rumo a uma alguma ordem prevista inicialmente; e onde a distinção efetiva entre a procriação e o sexual tornam a sexualidade voltada definitivamente para a pulsão:

Ampliamos o conceito de sexualidade apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças. Isto é, restituímo-lhe sua dimensão verdadeira. Fora da psicanálise, o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal. (Freud, 1917c[1916-1917]:373)

A partir de 1905, com a construção que Freud faz sobre as formas essenciais sobre as quais apoiava-se a sexualidade infantil – auto-erotismo, zonas erógenas, pulsões parciais e perversão polimorfa – a sexualidade presente na infância deixa de ser vista unicamente como uma etapa anterior à sexualidade adulta para ser abordada como um conceito psicanalítico. Ou seja, o

infantil deixa de ser associado a algo que antecede uma maturidade para permanecer relacionado definitivamente ao sexual e, portanto, para ser passível de ser definido como a forma, de fato, de apresentação da sexualidade do humano.

De acordo com Lanteri-Laura, este é um dos pontos mais originais do pensamento freudiano, pois independente de particularidades, sempre encontramos no universo psíquico o mesmo conflito. Em cada história, sempre única, particular, as formas essenciais sobre as quais apóia-se a sexualidade infantil, pertencentes a um momento passado, dos primeiros anos de vida, encontram-se presentes como parte da constituição da sexualidade. Uma dupla operação: a diversidade da sexualidade particular de cada um inserida na estrutura, comum a todos, do conceito de sexualidade infantil. Conté nos auxilia a esse respeito com o seguinte comentário:

(...) as pulsões parciais são aquilo que confere a cada um de nossos casos sua particularidade, sua cor própria, do mesmo modo que é o pulsional que está implicado na dimensão traumática dos acontecimentos que possam ter marcado a história individual.(Conté, 1995:67)

Lanteri-Laura toca em um ponto que para nós é fundamental: o autor aponta o esquecimento da radicalidade da teoria freudiana a respeito da sexualidade por parte dos sucessores de Freud na comunidade analítica. A partir do que descrevemos anteriormente, vimos que o desenvolvimento da sexualidade infantil e a construção de uma sexualidade adulta realizam-se às custas da força opressora do recalque. Assim, a normatização da primazia do genital transmitida como parte do legado freudiano, passa a ocupar um lugar de garantia para a construção do que Lanteri-Laura denomina de “neo-moralismo sexual”. Passa-se a funcionar com “uma norma, e norma científica, cientificamente garantida pela ciência que é a psicologia genética, apoiada na ciência que é a psicanálise”. (Lanteri-Laura, 1996:134)

Como propõe Lanteri-Laura, o genital passa a ocupar o lugar que anteriormente, no século XIX, cabia à possibilidade de procriação, passando a funcionar como norma. E o que é

mais grave, norma tida como natural que acaba por transformar “história em natureza, arbitrário cultural em natural”.(Bourdieu, 1999: 8)

Deste modo, as concepções acerca das perversões sexuais sofrem um retrocesso e voltam a ser vistas como desvios em relação à sexualidade genital, já que não são inseridas neste modo genital, *natural* de exercer a sexualidade.

A normalidade, o bem e o direito acham-se restaurados, e restaurados em nome de um saber que é tomado pelo mais moderno discurso científico sobre a sexualidade.(Lanteri-Laura, 1996:135)

Isto é, a psicanálise, que outrora fora subversiva, passa a critério normatizante. É preciso ter claro que uma coisa é o que possa ser o sexual e outra coisa é o processo ao qual se está subdito, isto é, o que se “passa a ter que ser”, as formas de apresentação da sexualidade, para que se possa existir no mundo. Dizer que alguma coisa se dá a partir de determinadas regras e normas não quer dizer que esta mesma coisa se reduza a estas formas.

É importante diferenciar – mesmo que somente para tornar mais clara a nossa abordagem – o sexual, este processo dinâmico, que rege o funcionamento do psiquismo, ou seja, a economia da força pulsional, do modo com que esta força contínua se faz presente na sexualidade em suas infinitas formas. E, como dissemos acima, embora esta sexualidade esteja sub-dita a normas e referências, não se pode confundi-la com a pressão constante da força pulsional que intensamente se faz presente.

Se estamos tomando a psicanálise como a prática que permitiu esta importante abstração, nos parece que confundir estes níveis representa encarcerar a sexualidade em comportamentos e classificações. Ou seja, cabe à psicanálise marcar sua posição revolucionária e original, assim como posicionar-se de modo diferente em relação à manutenção do *status quo*, tão frequente em nossa cultura.. Sendo assim, manter Freud associado à ruptura não somente efetuada, mas

demonstrada, com sua teoria/clínica, representa para nós afastar-se de leituras⁹ onde o que torna-se mais relevante é o pênis em sua equivalência ao falo e a demasiada importância dada à feminilidade em sua construção, por exemplo. Assim como é frequente o uso exagerado das categorias “feminino e masculino” na obtenção de definições de comportamentos, a sexualidade vista pela ótica do Édipo de modo excessivamente imaginário e a castração estritamente associada a perda/ganho de órgãos genitais. Este modo de operar faz com que a construção do conhecimento sobre a sexualidade pareça permanecer paralisada nas descobertas do fim do século XIX ou dos primórdios do século XX. Paralisia que talvez possamos creditar aos:

(...) registros da clínica que se limita a recitar seus clássicos, da fisiologia que, longe de cumprir a promessa dos outros, falta com as suas, do estudo dos animais e dos selvagens, que nem sempre fornecem normas, e do estudo da legislação, que continua a encarcerar e de bom grado castrar. (Lanteri-Laura, 1994; 102)

Assim, vejamos de que modo encontram-se inseridas na obra freudiana as categorias que citamos acima.

1.4 O uso dos gêneros masculino e feminino na obra freudiana e a presença do Complexo de Édipo

Embora Freud tenha algumas vezes utilizado os gêneros masculino e feminino em um sentido biológico, associado a caracteres sexuais primários, a psicanálise mostrou que o uso dessa divisão em gêneros, em se tratando da sexualidade humana, é, de certo modo, reducionista, e não contém, nela mesma, o grau de complexidade existente nessa tentativa de estabelecer o que pertence a um gênero ou a outro. Isto é, esse tipo de classificação não se mostrou suficiente no trabalho de elucidar as formas de aparecimento da sexualidade:

⁹ Vide página 22 e 23 de nossa dissertação.

Para distinguir entre masculino e feminino, na vida mental, usamos o que é, sem dúvida alguma, uma equação empírica, convencional e inadequada: chamamos de masculino tudo o que é forte e ativo, e de feminino tudo o que é fraco e passivo. Este fato da bissexualidade psicológica dificulta também todas as nossas investigações sobre o assunto e torna-as mais difíceis de descrever. (Freud, 1940[1938]:216)

Sobre o uso das categorias 'masculino' e 'feminino' associados à atividade e passividade encontramos momentos distintos na forma com que são abordados na teoria freudiana. Em 1905, Freud nos diz que a utilização destes critérios pode ser útil à psicanálise, por exemplo, em função da teoria da libido, pois uma vez esta descrita como masculina, está essencialmente sendo referida ao seu modo de operar que é sempre ativo. Chamamos a atenção para uma nota de rodapé, presente nos *Três Ensaios*, pois no final desta há um esclarecimento importante para o uso destas categorias. Segundo Freud, utilizar esta nomenclatura é falar a partir do referencial sociológico:

Nos seres humanos, a masculinidade pura ou feminilidade não se pode encontrar nem num sentido psicológico nem num biológico. Todo indivíduo, ao contrário, revela uma mistura dos traços de caráter pertencentes a seu próprio sexo e ao sexo oposto, e mostra uma combinação de atividade e passividade, concordem ou não estes últimos traços de caráter com seus traços biológicos. [*Nota de rodapé acrescentada em 1915*] (Freud, 1905; 226)

Já em 1913, no texto *A disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha da neurose*, descreve o que a organização genital traz. Segundo ele, a função reprodutora é que introduz a antítese masculino e feminino, pois esta ainda não estaria presente na escolha objetal pré-genital. Nesta fase, a antítese presente seria a do objeto ativo/passivo. Posteriormente esta antítese torna-se firmemente associada à polaridade existente entre os sexos.

Como podemos observar, esta afirmativa reitera o que apresentamos acima, de que

“atividade e passividade podem, ou não, concordar com traços biológicos”, pois a antítese ativo e passivo associada aos gêneros masculino e feminino só é obtida a partir dessa exigência de uma sexualidade organizada para atender aos interesses da moral sexual em sua defesa da função reprodutora. Em 1920, no texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher*, Freud deixa claro a dificuldade que reside na tentativa de definição do que possa ser ‘masculino e feminino’ a partir de comportamentos ativos ou passivos:

A psicanálise possui uma base comum com a biologia, ao pressupor uma bissexualidade original nos seres humanos (tal como nos animais). Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de ‘masculino e feminino’: ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho. Quando tentamos reduzi-los mais ainda, descobrimos a masculinidade desvanecendo-se em atividade e a feminilidade em passividade, e isso não nos diz o bastante. (Freud, 1920b:211. Grifos nossos)

Portanto, descrever o que possa ser a masculinidade ou a feminilidade é uma tarefa que inclui “características desconhecidas e que fogem do alcance da anatomia”. (Freud, 1933[1932]:141)

Bourdieu, no livro intitulado *A dominação Masculina*, nos mostra a construção arbitrária do biológico que sustenta o fundamento aparentemente natural das divisões sexuais estabelecidas. Esta construção legitima uma “relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada” (Bourdieu, 1999:33). Concordamos com o autor quando este diz que:

As aparências biológicas e os efeitos, bem reais, que um longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social produziu nos corpos e nas mentes conjugam-se para inverter a relação entre causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada (os gêneros como habitus sexuais), como o fundamento in natura da arbitrária divisão que

está no princípio não só na realidade como também da representação da realidade (Bourdieu, 1999:9,10)

Diríamos que a “dominação socio-cultural masculina” é umas das sobredeterminações do texto freudiano. Ao descrever o modo como a sexualidade das crianças se desenrolava, encontramos a referência do falo – como símbolo de poder e realização – sendo identificado ao órgão sexual masculino e trazendo problemas no esclarecimento da teoria. Sim, Freud fala “disso”, fala “sobre”, mas não se pode dizer que seja esta “a” referência que norteia sua teoria. Isto é, *não é desse lugar* que a psicanálise parte. Logo, não se trata de supor um Freud alienado a estruturas sociais sem se dar conta disso.

Por exemplo, há toda uma crítica do movimento feminista em relação ao modo com que Freud elabora o Complexo de Édipo. Foi muitas vezes citado – e como observamos, a partir de sua própria teoria – por utilizar principalmente o órgão masculino como referência. O “ter o pênis” ficou imaginariamente colado a “ter o falo”, e a menina, pobrezinha, passou a ser aquela que “não tem”, ao invés de ser “quem tem diferente”.

O que queremos sustentar é que este foi um instrumento culturalmente e historicamente contextualizável mas de modo algum a melhor ferramenta e muito menos a que possibilita que a psicanálise se mantenha como uma prática transformadora.

Pensar o desenvolvimento da sexualidade a partir da diferença sexual. Esse parece ter sido o caminho seguido por Freud ao situar os embates afetivos que circundam as crianças e seus pais ao tornar a mãe o primeiro objeto de amor. Referido a esta situação, utilizou-se da metáfora edípica, onde não apenas lugares são demarcados para que uma determinada organização se dê, mas também a fantasia e a sexualidade infantil ocupam, nesta conceituação, um lugar privilegiado. Na carta 71, de sua correspondência com Fliess, já podemos encontrar o que posteriormente seria desenvolvido como o Complexo de Édipo: a ambivalência de sentimentos afetuosos e hostis relacionados às figuras parentais:

São arranjos da libido e das catexias objetais que datam do início da infância (...) No entanto, de vez que todos, e não apenas os neuróticos, experimentam esse sonhos, pervertidos, incestuosos, assassinos. (Freud, 1917a (1916-1917):395)

Organização que diz respeito a algumas passagens efetuadas em referência à proibição do incesto, através dos conflitos e das contradições presentes na configuração edípica:

(...) a passagem do auto-erotismo para o alo-erótico, da ausência de objeto para o objetal, do pré-genital para o genital e do anárquico para o hierarquizado. (Lanteri-Laura, 1994: 69)

Isto é, o que Freud propõe é o uso da metáfora edípica como um instrumento para que se possa observar de que modo a sexualidade vai se estabelecendo a partir de tantos interditos e renúncias.

Apesar de Freud ter feito inúmeras referências ao complexo de Édipo em textos anteriores – a primeira referência encontra-se na *Interpretação dos Sonhos*, de 1900 – o único texto que versa unicamente sobre o Édipo é de 1924, *A dissolução do Complexo de Édipo*, pertencente à segunda tópica. Embora este texto seja tardio na produção freudiana, o complexo de Édipo ocupou um lugar central sempre que se fala em sexualidade na psicanálise e principalmente quando se fala em castração:

A falta de um pênis é vista como resultado da castração e, agora, a criança se defronta com a tarefa de chegar a um acordo com a castração em relação a si própria. (Freud, 1924b:182)

A fase fálica, onde há apenas um único órgão genital servindo como referência, ou seja, onde encontramos a primazia do falo, foi apresentada nesse texto de 1923, *A organização genital infantil*, e corresponde à característica principal na diferença da organização genital do adulto em relação à da criança. É nessa construção freudiana que alguns sentimentos estabelecidos e

valorizados pela civilização, como, por exemplo, a inveja do pênis, encontram respaldo para que se mantenham imaginariamente:

Sabemos também em que grau a depreciação das mulheres, o horror a elas e a disposição ao homossexualismo derivam da convicção final de que as mulheres não possuem pênis (Freud, 1923a:183).

A abordagem da castração nesse texto é pela via da perda ou manutenção de órgãos genitais e ocorre paralela ao texto de 1924, *A dissolução do complexo de Édipo*, onde Freud coloca a fase fálica como contemporânea ao complexo de Édipo e associa a castração, entre outras coisas, à impossibilidade relacionada ao desejo infantil de obter um dos genitores como objeto de amor:

Assim, o complexo de Édipo se encaminharia para a destruição por sua falta de sucesso, pelos efeitos de sua impossibilidade interna (Freud, 1924b:217).

Encontramos no livro *Estudos sobre o Édipo*, de Moustapha Safouan, alguns esclarecimentos que colaboram com nossas colocações:

É comum identificar-se a castração com a imagética dos combates e mutilações retorsivas. Equivale a dizer que se retém da relação edipiana com o pai apenas a dimensão da *rivalidade*. (Safouan, 1979:53)

Essa forma de abordar a castração, embora presente na teoria freudiana, acabou ocupando um lugar de destaque na leitura que se faz da sexualidade, tornando-se uma via excessivamente imaginária, empobrecendo a obra freudiana e fazendo com que o que não pode ser apreendido, o que não cessa de insistir por satisfação, o que abre a uma infinita gama de possibilidades, se feche e se reduza a um triângulo familiar:

O Édipo não é, no fundo, senão *uma forma cultural* entre outras, que são igualmente possíveis contanto que cumpram a mesma função, que é a *promoção da função da castração* no psiquismo. (Safouan, 1979:128)

Deste modo, nos parece que confundir a *função da castração no psiquismo* com uma relação *incestuosa* contextualizada a partir de uma norma cultural é supor que para a busca perene de satisfação presente no movimento pulsional existe algum objeto que possa aplacar *definitivamente* essa tensão. E um objeto que se coloca apenas como proibido e não em sua condição de impossível.

A abstração necessária para que esta leitura possa ser feita é o próprio Freud que nos aponta. No texto de 1930, *Mal-Estar na Civilização*, Freud deixa bastante claro que o modelo edipiano encontra-se associado a uma organização estabelecida e denominada de *família*, uma situação historicamente construída e configurada, mas de modo nenhum *natural* e fadada à imutabilidade. Nesse texto, Freud explicita que não se trata de matar ou não o próprio pai, nem mesmo de atribuir a este suposto *desejo* algum sentimento de culpa, mas sim remeter o mal-estar a algo que é anterior a qualquer acontecimento, à própria estrutura da pulsão. Segue nos presenteando com a constatação de que o conflito, o mal-estar, embora pertencente originariamente ao trabalho energético e ao fracasso que daí decorre, se manifesta e se traduz em formas construídas pela civilização, na cultura, nos corpos, no modelo estabelecido de família, sempre às voltas com proibições e interditos, metáforas de uma impossibilidade inicial:

Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa (Freud, 1930[1929]:156)

Após a elaboração da teoria das pulsões - principalmente após o 2º dualismo pulsional – a proibição deu lugar à *impossibilidade*, fazendo com que a castração passasse a estar associada ao

périplo constante da pulsão em sua insistência de satisfação, sempre ininterrupta, uma vez que sua origem é a impossibilidade que reside na “necessidade de restaurar um estado anterior de coisas” (Freud, 1920q:78), isto é, aplacar-se definitivamente, morrer. Impossibilidade que também pode ser reconhecida no desespero de Édipo diante da tragédia que o *destino* lhe reservou: “*mé phynai*¹⁰, não ter nascido”. (Lacan, 1998:790)

Autorizar-se em Freud para designar, nas façanhas míticas dos deuses antigos, exemplos que ilustrariam o complexo de castração, está entretanto na dependência de um confusionismo que negligencia toda uma parte – e certamente não a que menos merece nossa atenção – da *Traumdeutung*. Pois essa obra contém, em abundância, exemplos de sonhos cujo conteúdo latente consiste em julgamentos de *impossibilidade*. Ora nossa tese é que é em tais julgamentos que se faz ressentir o peso da castração, no sentido próprio do termo. (Safouan, 1979:53)

Sendo assim, não podemos deixar de assinalar que entre os diversos caminhos descritos e seguidos por Freud na construção de uma teoria – e mais especificamente em sua teoria em torno da sexualidade – a castração estritamente associada a órgãos genitais aliada a pregnância da anatomia tomada como um único destino empobrece o legado singular que a psicanálise nos ofereceu: o esforço de Freud em direção à abstração necessária para que a sexualidade seja contextualizada como uma via possível de identidade do campo analítico.

Esperamos ter apresentado suficientemente alguns momentos da teoria freudiana que servem ao propósito da nossa dissertação – abordar a sexualidade como um conceito desenvolvido por Freud e estabelecer a articulação entre pulsão e sexualidade.

¹⁰ Coro de Édipo em *Colono*, v. 1125.

CAPÍTULO 2

LIBIDO, NARCISISMO E INCONSCIENTE: PREÂMBULO PARA A TEORIA DAS PULSÕES

Abordar a teoria das pulsões se faz urgente para que possamos dar seguimento ao que estamos nos propondo. Porém, antes disso, nos parece pertinente fazer o caminho de Freud para que este objetivo seja alcançado.

A respeito do conceito de libido, no texto *Sobre o Narcisismo*, de 1914, Freud fala da necessidade de que algo se modifique, seja adicionado ao auto erotismo para que o narcisismo e o ego se desenvolvam: “uma nova ação psíquica”. Assim, a libido, que inicialmente se colocava somente de modo auto-erótico, a partir do narcisismo irá também se estabelecer nos investimentos objetais não somente sobre o próprio ego, mas também sobre objetos externos, o que faz com que o narcisismo represente uma etapa anterior e necessária do investimento objetal:

(...) é provável que esse narcisismo constitui a situação universal e original a partir da qual o amor objetal só se desenvolve posteriormente, sem que, necessariamente, por esse motivo o narcisismo desapareça. (...) O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido.
(Freud, 1917d[1916-17]:485-486)

Marca-se neste momento a contra-posição de Freud em relação a Jung. A defesa de Freud de seu pensamento a respeito da libido, onde considera-se libido como energia unicamente sexual, estava assentado em questões clínicas e políticas – enquanto Jung defendia uma posição monista, Freud construía seu pensamento em bases dualistas –, mas que abrem caminho para o que posteriormente será desenvolvido por Freud como o segundo dualismo pulsional: pulsão de vida e pulsão de morte. O que está em discussão desde 1914, com o conceito de narcisismo, é o conceito de libido e sua aplicação. Embora o uso do conceito de libido de modo quantitativo seja

explícito em Freud, nossas questões situam-se em torno do uso de forma qualitativa, pois este implica na distinção entre a libido – energia estritamente sexual – e uma outra energia que Freud chama de auto-conservação, presente, segundo Freud, em outros processos que não o sexual:

O que Freud está marcando, desde esse momento, é o lugar do não sexual, que primeiro vai ser ocupado pelas chamadas pulsões de autoconservação e mais tarde pela pulsão de morte.
(Garcia-Roza, 1996:35)

Embora Garcia-Roza no terceiro volume de sua *Introdução à metapsicologia freudiana* diga que a respeito dessa energia não-sexual não é possível encontrar no conjunto da obra freudiana maiores esclarecimentos, refere-se a essa concepção dizendo que há, no regime da pulsão, uma espécie de situação onde o sexual estaria ausente.

Abordaremos essa discussão a respeito da presença/ausência do sexual em um dos modos da pulsão operar em nosso terceiro capítulo, Pulsão e Sexualidade, e, para tal, conforme já dissemos anteriormente, é fundamental que continuemos seguindo os passos de Freud.

2.1 O conceito de libido

O conceito de libido encontra-se, no corpo da teoria, acompanhando não somente as modificações presentes nas diversas etapas da teoria das pulsões, mas também vinculado às dificuldades presentes nas articulações e tramas de diferentes conceitos. Este conceito é empregado por Freud para designar as forças sexuais da vida pulsional. Apresenta-se como um conceito com dificuldades em ser circunscrito em uma determinada definição e seus aspectos qualitativo e quantitativo compõem suas principais características.

Freud faz uma explanação do conceito de libido nos *Três Ensaio*s, acréscimo datado de 1915, isto é, após o texto do *Narcisismo* e conseqüentemente após as modificações efetuadas em relação ao ego ser também objeto de investimento libidinal. Nesse texto encontramos como

definição de libido “uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual” (Freud, 1905:223)

Posteriormente, em 1917, na conferência XXVI *A Teoria da Libido e o Narcisismo*, Freud denomina de libido os investimentos de energia que o ego dirige aos objetos de seus desejos sexuais, assim como a energia que investe o próprio ego. Com esta denominação, diferencia a auto-conservação, que do seu ponto de vista diz respeito às catexias provenientes de outros objetivos, relacionados à função de alimentação e preservação da espécie. Nesta conferência também aborda esta distinção qualitativa entre libido e auto-conservação, a partir da diferenciação existente entre os processos sexuais e os processos nutritivos. Como fonte dos processos sexuais considera-se todo o corpo e seus órgãos e ao investimento da libido dirigido internamente, para o ego, Freud denomina de ‘libido do ego’. Quantitativamente pode ser abordada a partir das variações existentes no aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento desse *quantum* energético assim como a partir da mobilidade que pode ser demonstrada no deslocamento, na fixação ou no abandono dos objetos investidos.

Sempre que investida passa a ser chamada de ‘libido objetal’, dotando os objetos investidos de energia libidinal. Quando esse investimento é suspenso, isto é, quando o investimento nos objetos é retirado, retorna ao ego, novamente sendo denominada de ‘libido do ego’ ou ‘libido narcísica’.

O conceito de libido ocupou o lugar central da histórica divergência entre Freud e Jung. Em 1914, no texto do narcisismo, Freud leva às últimas consequências sua discussão à respeito da natureza da libido. Enquanto Jung toma essa força dinâmica como uma força psíquica geral – o que faz com que a potência do termo libido se esvazie, se neutralize ao ser denominada como *interesse* – Freud refere-se unicamente a esse conceito como a energia sexual. Neste embate é visível o esforço de Freud para apresentar a libido como uma energia unicamente sexual. No entanto, uma das questões que se apresenta versa sobre a possível intenção de Freud em delimitar

objetivos sexuais, para então a energia poder ser restringida em sua denominação de ‘libido’ ou, para além disso, a sexualidade é apresentada de forma tão abrangente que Freud pode dizer que a libido é unicamente associada ao sexual, pois este diz respeito a muito mais do que se supõe, isto é a presença da pulsão propriamente dita.

O que podemos constatar no texto de Freud é que o *geral* a que Jung estava se referindo não é *sexual*. Ou seja, o *interesse* de Jung mostrava-se distante da noção de *sexual*. Assim como a dificuldade de Freud não é exatamente em dizer o que é *sexual*, mas em dizer o que *não é sexual*.

Embora Freud levante a hipótese de que a energia sexual – a libido – seja unicamente o produto de uma diferenciação na energia que atua de modo generalizado na mente, logo em seguida denomina essa especulação como “uma especulação em vão”, pois está relacionada a assuntos que não dizem respeito ao campo analítico. E mais não diz, mantendo a posição de que a libido *não pode ser* identificada ao interesse psíquico em geral.

Segundo Laplanche e Pontalis, no *Vocabulário da Psicanálise*, a libido serve como instrumento a Freud para manter um pensamento dualístico, pois em relação à libido, há sempre algo sendo oposto. Se em um primeiro momento a oposição se dá entre as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação, num momento posterior são as pulsões de vida e morte que estabelecem o dualismo, estando a libido inserida em apenas um campo conceitual, nas pulsões de vida.

A esse respeito, Gay, no trabalho biográfico sobre Freud, nos diz que se de um lado estava Jung, de outro estava Adler, substituindo a libido por uma força agressiva universal. A posição dualística de Freud também dizia respeito à clínica, pois estava ali, diante dele, a dimensão do conflito, permeada pelo recalque e sua força avassaladora. (cf Gay, 1988)

Um caminho que podemos seguir é levar às últimas consequências a amplitude proposta pelo próprio Freud em relação à sexualidade, uma amplitude que também pode ser considerada no plano da construção da teoria e, sendo assim, a libido é contextualizada como unicamente

pertencente ao sexual, porque o sexual diz respeito a muito mais do que se supõe. Mas evidentemente isso não esclarece suficientemente a distinção que está em jogo – uma vez que Freud insiste em mantê-la – para que se possa dizer o que é e o que não é sexual. E é dentro dessa problemática que se encontra a definição do conceito de libido.

2.2 Algumas considerações sobre o narcisismo

Nomeado por Freud como uma etapa intermediária entre o auto-erotismo e o amor objetal, o narcisismo, propriamente dito, diz respeito ao processo onde há investimento libidinal sobre uma imagem do eu. No modo auto-erótico das pulsões se constituem o que se tem é um corpo fragmentado, parcializado em elementos dispersos, ainda não havendo uma unidade, que Freud vai relacionar com a noção de ego. Somente a partir do que denomina como “uma nova ação psíquica” é que se inicia um processo de reunião, uma espécie de “forma”, que irá se apresentar como objeto de investimento libidinal. A esta unidade Freud chama de “eu”, uma unidade comparável a um complexo de representações, provocando o narcisismo:

(...) chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne suas [pulsões] sexuais (que até então haviam estado empenhadas em atividades auto-eróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto. (Freud, 1914b: 89)

Formação do ego e estabelecimento do narcisismo são concomitantes, não sendo possível no texto freudiano – talvez nem mesmo necessário – estabelecer condicionalidades, se o narcisismo é que possibilita a formação do ego ou se é a esse processo que Freud nomeia o narcisismo. O que nos interessa fundamentalmente a respeito do narcisismo diz respeito à diferenciação que aqui se estabelece entre ‘libido do ego’ e ‘libido objetal’.

Inicialmente Freud aplicou a terminologia das pulsões do ego a todas as manifestações que se distinguiam das pulsões sexuais no sentido de que estas eram chamadas como tal por estarem relacionadas a investimentos objetivos:

Somente quando há catexia objetiva é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia das [pulsões] do ego. (Freud, 1914b: 92)

Com a construção do narcisismo e o advento do ego como unidade e objeto de investimentos o ego também passa a ser considerado objeto da libido, constituindo a libido em libido narcísica.

A postulação do narcisismo destituiu definitivamente a concepção anterior onde ao ego se opunham os interesses sexuais, afastando também a hipótese de que a sexualidade estaria ausente em um possível início da vida pulsional, fazendo com que o próprio biológico possa ser visto como dotado de sexualidade:

(...)o que é da ordem do sexual se inscreve com possibilidade de autonomia em relação às operações vitais, delas dependendo, com elas operando, delas se autonomizando, assujeitando, senão comprometendo, o funcionamento delas ao sexual(...) (Menezes, 1991:62)

Posteriormente tanto os interesses narcísicos quanto os que versam sobre a autoconservação passarão a ser incluídos nas pulsões sexuais. Freud cautelosamente caminha no sentido de apresentar uma oposição meramente transitória na teoria enquanto o dualismo de 1920 ainda não era concebido: uma antítese entre a libido do ego e a libido objetiva.

Considerado um dos mais relevantes trabalhos de Freud, o texto de 1914, *Sobre o Narcisismo: uma introdução*, é de suma importância na transição para um outro dualismo que viria a ser proposto a partir de 1920. A introdução do conceito de narcisismo vem amenizar a

diferença entre essas classes de pulsões, sexual e autoconservadora, ao constatar que o ego é também objeto de investimento e a energia das pulsões do ego, ou de autoconservação, não se diferencia do conceito de libido.

Neste texto, Freud se utiliza do conceito de sublimação, processo onde ocorre a modificação de objeto e objetivos específicos na tentativa de fundamentar interesses voltados para outros fins que não “o sexual propriamente dito”. A sublimação se caracteriza pelo interesse relacionado ao “divino, à natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias, ou retorno a seu ego”. (Freud, 1914b:97) Apesar dos objetivos específicos serem diferentes daqueles esperados, isto é, estejam voltados para outros fins que não aqueles que eram tomados como sendo propícios, a energia que possibilita a realização sublimatória são as pulsões sexuais, que nesse momento da teoria encontram-se exatamente no centro de algumas transformações.

O conceito de sublimação – embora ocupe lugar de destaque no trabalho clínico – não é um conceito suficientemente esclarecido na teoria de Freud, o que faz com que permaneça a dificuldade de delimitar o que possa ser algo dessexualizado. Este conceito mostra, de alguma forma, que é justamente na ausência de maiores esclarecimentos que reside a dificuldade em demarcar fronteiras nítidas, bem delimitadas, entre sexual e não sexual.

Freud fala em “fins outros que não sexuais”. No entanto, sua teoria não é clara quanto a isso, quanto a essas fronteiras. Ou seja, Freud parece não retornar aos seus próprios passos para elucidar o caminho que vai construindo e desconstruindo. Como exemplo desta dificuldade em apresentar objetivos que sejam sexuais, nitidamente distintos, tomemos o artigo de 1910, *Psicanálise 'Silvestre'*, onde Freud afirma:

Em psicanálise o conceito do que é sexual abrange bem mais; ele vai mais baixo e também mais acima do que seu sentido popular. Essa extensão se justifica geneticamente; nós reconhecemos como pertencentes à ‘vida sexual’ todas as atividades dos sentimentos ternos que tem os impulsos sexuais primitivos como

fonte, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação a seu fim sexual original, ou tiveram de trocar esse fim por outro que não é mais sexual. (Freud, 1910a:208. grifos nossos)

Podemos também usar como outro exemplo, a referência que Freud faz sobre o anacoreta ascético no texto *Sobre o Narcisismo*, para debater com Jung:

(...) fica claro pela consideração de que um anacoreta dessa espécie, que ‘tenta erradicar todos os traços de interesse sexual’ (mas só no sentido popular da palavra ‘sexual’), nem sequer necessariamente exhibe qualquer localização patogênica da libido. Ele pode ter desviado inteiramente seu interesse sexual dos seres humanos; contudo, pode tê-lo sublimado num interesse elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno a seu ego. (Freud, 1914b: 97)

No texto das *Pulsões e suas Vicissitudes*, Freud apresenta o conceito de pulsão de uma forma que nos permite buscar, nos diferentes modos de apresentação deste conceito, maiores esclarecimentos.

No esforço de definir *Trieb*, Freud parte de quatro elementos fundamentais: a *pressão*, ininterrupta, constante, comum aos diferentes modos da pulsão comparecer e a *fonte*, processo de estimulação associado a um órgão ou a uma parte do corpo.

Quanto à *finalidade* ou *ao objetivo*, pode-se dizer que Freud apresenta dois níveis. O primeiro e último é sempre a satisfação, obtida somente com a extinção do estado de estimulação na fonte da pulsão. Esta finalidade última permanece sendo sempre a mesma, ou seja, a exigência de uma satisfação absoluta. No entanto, é possível que possamos obter, em outros caminhos, a possibilidade da pulsão obter finalidades específicas e parciais “mais próximas ou intermediárias, que são combinadas ou intercambiadas” (Freud, 1915:143). Caminhos percorridos

pela pulsão onde a satisfação está associada a uma zona erógena, ligada a uma enorme gama de objetos. Satisfações parciais, localizadas.

A finalidade ou objetivo encontra-se articulado ao *objeto*, que Freud diz ser alguma coisa em relação à qual a pulsão busca atingir seu objetivo. Podendo ser qualquer coisa que atenda à finalidade pulsional, o objeto não encontra-se, em sua origem, ligado à pulsão, mas representa um meio da pulsão alcançar parcialmente seu objetivo.

A sublimação, tal como Freud aborda, será inserida neste nível de satisfação parcial que decorre desta finalidade maior, isto é, nos caminhos intermediários de satisfação, pois somente poderemos falar em objetos ou destino da satisfação neste âmbito que se apresenta como os modos de apresentação do movimento pulsional, isto é, nas pulsões parciais.

No texto *Para introduzir o narcisismo*, Freud dá uma definição de que a sublimação é um processo que diz respeito ao movimento de investimento libidinal, onde o que importa é muito mais a tendência do que propriamente o objeto. Assim, a sublimação está muito mais ligada a uma satisfação presente no movimento de investimento, do que a um enaltecimento do objeto de satisfação, tal qual encontramos no caso da idealização.

A questão que para nós permanece é a seguinte: quais critérios, para além da forma de satisfação parcial que citamos acima, seriam utilizados na demarcação de fronteiras entre a finalidade sexual e a não sexual? Se o objeto é o que há de mais variável na caracterização da pulsão e se esta, em última instância, visa um único objetivo – que é o de se satisfazer absolutamente – nos vemos diante da dificuldade de delimitar, em se tratando da pulsão, o que possa ser denominado como não sexual. E assim sendo a dificuldade também recai na nomeação de uma produção, de uma atividade, como sendo sublimatória ou não.

Estaria Freud tratando os *fins sexuais* unicamente voltado para as atividades corpóreas de sexualidade e estabelecendo então uma diferenciação onde as atividades artísticas representariam fins mais sublimes de satisfação, verdadeiramente sublimatórios, afastados da satisfação sexual ?

De que forma uma satisfação não sexual pode satisfazer a pulsão? Como abordar um fim não sexual dotando de satisfação algo que é sexual?

De acordo com o que descrevemos acima, a libido é a energia própria da pulsão, logo a libido representa o veículo psíquico para se obter satisfação. Assim, todo objeto, alvo de investimento da libido, é o meio de satisfação da pulsão e ocupa um lugar que é sempre vazio por excelência, pois a pulsão não tem nenhum objeto primordialmente ligado a ela. O que queremos sustentar é que em última instância, toda ação (que por sua vez é sempre sexual, decorrente da atividade pulsional) é sublimatória, pois deriva de um fim último e inatingível, exigência da pulsão de morte. Lacan traz esclarecimentos à essa questão. No Seminário 11 nos diz que:

A sublimação não é menos a satisfação da pulsão (...) Em outros termos – por enquanto, eu não estou trepando, eu lhes falo, muito bem!, eu posso ter a mesma satisfação que teria se eu tivesse trepando. É isto que quer dizer. É isto que coloca, aliás, a questão de saber se efetivamente eu trepo. Entre estes dois termos, estabelece-se numa extrema antinomia que nos lembra que o uso da função não tem para nós outro valor senão o de pôr em questão o que é da satisfação. (Lacan, 1988:157-158)

No que se refere à satisfação, Lacan nos diz que temos sempre que ter em mente a categoria de impossível, do *real*, que perpassa esta satisfação. Ou seja, embora a pulsão se satisfaça parcialmente com objetos ao seu alcance, não se satisfaz jamais absolutamente:

A pulsão apreendendo seu objeto, aprende de algum modo que não é justamente por aí que ela se satisfaz. Pois se se distingue, no começo da dialética da pulsão, o *Not* e o *Bedürfnis*, a necessidade e a exigência pulsional – é justamente porque nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão. (Lacan, 1988:159)

Postas estas questões, nos parece pertinente darmos continuidade fazendo remissão ao funcionamento inconsciente, para que possamos apontar, em seus modos de operar, a conexão

necessária entre inconsciente, pulsão e sexualidade.

2.3 Pulsão e inconsciente

O saber até o século XIX encontrava-se ancorado sobre a razão e a consciência. No entanto, no final do século XIX, Freud revoluciona ordens até então estabelecidas e traz o incômodo e a intensidade da força pulsional¹¹ a partir não somente da existência do inconsciente, mas sobretudo do modo de funcionamento deste inconsciente. A idéia de que inconsciente é uma concepção da qual não temos conhecimento, mas que se faz presente e portanto passa a ser admitida a partir de sinais ou evidências, acabou com a soberania da consciência regendo os processos psíquicos. O inconsciente freudiano rompeu com certezas, retirou fundamentos, mostrando que não temos pleno controle de nossas ações. Segundo o próprio Freud, esta descoberta representou uma verdadeira revolução no modo de conceber a razão humana, o terceiro golpe desferido contra o narcisismo humano: a descoberta da existência de processos mentais inconscientes e a afirmação de que nossa vida pulsional não pode ser inteiramente domada. (cf Freud, 1917c).

A busca de leis próprias do funcionamento inconsciente fez com que Freud desse continuidade ao trabalho por ele iniciado em 1900, na *Interpretação dos Sonhos*. Neste texto, e mais especificamente no capítulo VII, Freud se liberta da referência à anatomo-fisiologia.

Detentor de de um modo próprio de funcionamento, o inconsciente pode ser denominado como o lugar por excelência dos representantes pulsionais, impulsos que irão comparecer nas manifestações inconscientes; nos sintomas, sonhos, chistes e atos falhos:

O núcleo do Inconsciente consiste em representantes pulsionais que procuram descarregar sua catexia; isto é, consiste em impulsos carregados de desejos. (Freud, 1915a:213)

¹¹ Desde o Projeto de 1895, Freud sublinha que o aparelho psíquico é concebido como um aparato cuja tarefa consiste em dominar a força constante, proveniente das pulsões, que ameaça invadí-lo.

Tudo o que emana deste funcionamento inconsciente sofre uma série de vicissitudes. No entanto, o que nos interessa primordialmente – e sobre o que tivemos a preocupação de nos deter – é o inconsciente como um sistema, com um modo específico de operação:

Denominamos inconsciente um processo psíquico cuja existência somos obrigados a supor – devido a algum motivo tal que o inferimos a partir de seus efeitos – , mas do qual nada sabemos. (...) denominamos assim um processo se somos obrigados a supor que ele está sendo ativado no momento, embora no momento não saibamos nada a seu respeito. (Freud, 1933b[1932]:90)

Freud chamou de O inconsciente, ou *Ics* (*Ubw*, abreviatura da termo inconsciente em alemão '*Unbewusst*'), o sistema assinalado pelo fato de seus atos isolados serem considerados inconscientes. Segundo Freud, o sentido *sistemático* é o sentido mais significativo do termo inconsciente na psicanálise.

No artigo metapsicológico de 1915, *O Inconsciente*, Freud nos diz que no inconsciente as pulsões são sempre representadas por um idéia. Segundo Freud, idéias são sempre catexias, ou seja, investimentos energéticos, basicamente de traços de memórias. Entre os significados do inconsciente, Freud fala principalmente de três pontos de vista: topográfico, funcional e sistemático, conferindo a essa forma global de consideração uma abordagem metapsicológica. .

Do ponto de vista topográfico, trata-se de indicar em que sistema ou entre que sistemas uma idéia se situa: *Ics*, ou *Cs/Pcs*, podendo inclusive pertencer simultaneamente a dois lugares nos processos mentais, avançando de um para a outro, investidas de modo diferente. O segundo aspecto, o aspecto dinâmico, diz respeito ao investimento energético nas idéias e de onde provém este investimento. Este aspecto coloca em questão o topográfico, pois a idéia pertencerá à instância que nesta idéia investe.

O ponto de vista econômico consiste em levar às últimas consequências os destinos de

quantidade de excitação e chegar relativamente próximo a uma estimativa relativa de sua magnitude.

Esta explanação feita por Freud segue o objetivo de poder configurar a forma com que as moções pulsionais, pertencentes ao núcleo do *Ics*, seguem seu curso procurando descarregar sua catexia, ou seja, de que forma driblam o recalque na busca de satisfação.

Não há no sistema *Ics* registro de negação, dúvidas ou certeza. Assim como não há uma ordenação temporal a qual estamos habituados. Os processos inconscientes não se alteram com a passagem do tempo. Freud nos diz no artigo *O Inconsciente* que são impulsos que convivem lado a lado sem que sofram anulações, ou seja, obedecendo ao princípio de simultaneidade. Deste modo, estas moções pulsionais possuem o caráter de indestrutibilidade, característico do inconsciente. Governados pelo princípio do prazer, estes processos não se atém a nenhuma realidade, a não ser a do *Ics*, uma realidade psíquica. No *Ics* somente encontramos representantes pulsionais investidos com mais ou menos intensidade. Estes apresentam-se com uma mobilidade que permite que uma idéia ceda à outra seu investimento energético.

Os processos de deslocamento e condensação – pertencentes ao processo psíquico primário – são característicos do funcionamento deste sistema e permitem este arranjo, assim como combinações que sirvam da melhor forma aos interesses em questão.

A partir de 1920, em sua segunda teoria do aparelho psíquico, Freud redimensiona seu pensamento fazendo significativas modificações em relação ao inconsciente. A esse respeito Wine contribui com o seguinte comentário:

O novo estatuto que o sujeito do inconsciente ganha com as formulações da segunda tópica se deve ao fato de a conceituação da pulsão passar ao primeiro plano da teoria. No curso do desenvolvimento da primeira tópica, Freud tinha descoberto a sobredeterminação que reina no inconsciente estruturado. Relendo-se a segunda tópica, descobre-se que aquilo que é a causa e o fator determinante de tudo que está sobredeterminado no inconsciente é (...), a pulsão e sua

A modificação efetuada em relação ao conceito de inconsciente pode ser verificada na passagem da *Interpretação dos sonhos*, onde Freud estava voltado para as questões tópicas do inconsciente, para os textos a partir de 1915, onde sua atenção está voltada para a relação entre o inconsciente e as pulsões. Na segunda tópica freudiana sua teoria sobre o inconsciente é ampliada de forma significativa, passando a tratar todo o aparelho psíquico na referência ao funcionamento inconsciente, reservando ao *id*, seu núcleo insondável:

“(...) caos, caldeirão cheio de agitação fervilhante. Descrevemo-lo como estando aberto, no seu extremo, a influências somáticas e como contendo dentro de si necessidades [pulsionais] que nele encontram expressão psíquica., (...). Está repleto de energias que a ele chegam das [pulsões], porém não possui organização, não expressa uma vontade coletiva, mas somente uma luta pela consecução da satisfação das necessidades [pulsionais], sujeita à observância do princípio do prazer. (Freud, 1933b[1932]:94)

O que se tem no *id* é pura presença de intensidade, pura afirmatividade da economia reinante. Estes impulsos pulsionais buscam unicamente descarregar sua catexia, ou seja, temos a predominância do fator econômico dirigindo esse processo, onde o fator quantitativo está diretamente relacionado ao esforço de aliviar as tensões energéticas. Nas palavras de Freud, “catexias pulsionais que procuram a descarga, isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no *id*”.(Freud, 1933b[1932]: 95)

De acordo com o que formulamos no capítulo anterior, queremos deixar mais clara a forma de abordagem do sexual feita em dois níveis : um primeiro – e em última instância, sempre último – gira em torno do almejado repouso da pulsão e diz respeito à sua impossibilidade de satisfação. E um segundo nível, que seriam as formas, sintomáticas, contingenciais, onde se manifesta tudo que dessa impossibilidade decorre. As manifestações do inconsciente encontram-

se inseridas neste segundo nível, em forma de realizações de desejo: sonhos, sintomas, chistes e ato falho.

Se retornarmos ao que dissemos anteriormente a respeito da ausência de negação, dúvida ou certeza, podemos complementar com a ausência de juízo, de referências de certo ou errado segundo estamos habituados em uma organização civilizatória. Então diremos também que a partir destas realizações de desejo, frutos do sistema inconsciente, ou a partir da dinâmica pulsional, que visa unicamente realizar-se, tudo aquilo que diz respeito à atividade humana, em última instância, é uma realização de desejo, já que não há nada que originalmente sirva como referência para qualquer atividade.

Disto decorre que formas que possam ser consideradas *incomuns* de satisfação sexual, formas de apresentação da sexualidade, sejam vistas sob a ótica da psicanálise, como parte de um campo de fenômenos como outro qualquer. Embora estejamos considerando que isto seja visto dessa forma em um primeiro nível, ou seja, no exercício pulsional de busca de satisfação, no nível dos acontecimentos e das regras sociais, essas manifestações que possam ser consideradas *aberrantes* terão que ser examinadas caso a caso, inclusive no que se refere ao trabalho clínico.

Lembramos que, tal como desenvolvemos em nosso primeiro capítulo, a pulsão é em sua origem anárquica, parcial e somente passa a ter alguma ordem sexual sob a égide do recalque. Sendo que este raramente é bem sucedido em seus esforços sem trazer danos psíquicos. Portanto, a normalidade no campo da sexualidade, se é que se pode falar em alguma normalidade, é algo a ser adquirido, apresentada em condições precárias e frágeis, nada garantindo que o estado de perversão polimorfa tenha sido *varrido* do psiquismo. Ao contrário, a sexualidade será sempre perversa polimorfa¹².

Se optamos por manter o pensamento de Freud não somente não podemos cair no engodo de que existam formas patológicas de sexualidade comparadas a alguma coisa que possa ser

¹² Vide citação de Freud na página 26.

nomeada como sendo *normal*, mas sobretudo devemos ter sempre em mente que o de que não se pode falar, em última instância está dizendo respeito a algo vazio, de que é impossível, de fato, falar. Ou seja, diz respeito ao traumático em sua essencialidade, ao traumático presente na impossibilidade de completude absoluta, na não existência de *relação sexual*, segundo Lacan:

Por mais estranho que pareça, creio que devemos levar em consideração a possibilidade de que algo semelhante na natureza da própria [pulsão] sexual é desfavorável à realização da satisfação completa. (Freud, 1912:171)

No que concerne ao sexual propriamente dito e ao funcionamento inconsciente, podemos nos remeter ao artigo de 1923, *A organização genital infantil*, onde Freud nos diz que no inconsciente não há inscrição de diferença sexual. Posteriormente Lacan traz esclarecimentos a esta questão, dizendo que não nada que possa indicar ao humano como pertencente ao campo macho ou ao campo fêmea. O que há é a presença do significante, fazendo com que possamos remetê-lo a infinitas significações. Para se situar como tal, macho/ fêmea, homem/mulher, é preciso recorrer, que é o que fazemos, ao universo simbólico, à linguagem, onde o *Outro* – utilizando uma nomenclatura lacaniana – dará possibilidades para que estas posições sejam ocupadas:

No psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea. Disso o sujeito, em seu psiquismo, só situa equivalentes – atividade e passividade, que estão longe de representá-la de maneira exaustiva. (...) Só esta divisão – foi aí que concluí da última vez – torna necessário o que foi primeiro esclarecido pela experiência analítica, que as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro (...). (Lacan, 1988:194)

Assim podemos considerar que o regime do inconsciente – onde não há registro de negação, dúvida ou certeza, assim como referências de certo ou errado, tempo e espaço –

apresenta uma indiferença que é o fundo mesmo de tudo o que pode ser chamado de sexual em psicanálise. Impedindo que o sexual, em última instância, seja *reduzido* a quaisquer comportamentos e atividades específicos.

A partir do modo com que Freud aborda as formas de satisfação das pulsões parciais, citada no texto *As pulsões e suas vicissitudes*, de 1915, sugerimos que trabalhássemos em dois níveis: o sexual propriamente dito, ou seja, a economia da pulsão em busca de uma satisfação plena, e a sexualidade em suas formas de comparecimento, presentes na parcialidade com que a pulsão se presentifica.

Para que possamos deixar mais clara a nossa abordagem, recorremos ao livro de Milner, *A Obra Clara*, onde este autor nos diz que o sexual, a sexuação, se representa pela via da contingência, isto é, algo que pode ou não suceder, pertencente a um caráter eventual, e faz a seguinte análise:

Proporei que a sexualidade, na medida em que a psicanálise dela fala, nada é senão isso: o lugar da contingência infinita nos corpos. Que haja sexuação, em lugar de não haver, é contingente. Que haja dois sexos mais que um ou vários, é contingente. Que estejamos de um lado ou do outro, é contingente. Que a uma sexuação sejam vinculados determinados caracteres somáticos, é contingente. Que lhe sejam vinculados determinados caracteres culturais, é contingente. Porque é contingente, diz respeito ao infinito. (Milner, 1996:56)

A relação que Milner estabelece desta condição da sexualidade, onde os nomes homem e mulher representam um modo de circunscrever algo em um conjunto que se apresenta “a um só tempo, totalizável e aberto”, e o inconsciente, é a de que o inconsciente freudiano enquanto sexual, poderia ser outro, embora seja o que seja exatamente por se apresentar como é.

O que queremos salientar a partir de Milner é esta relação entre inconsciente e sexualidade pela via da contingência. A contingência comparece na forma com que a sexualidade se

estabelece. Embora seja infinita, será sempre recortada, considerada em seus aspectos eventuais, incertos, exatamente por ser o que é.

Um funcionamento que entrelaça em um mesmo sistema conceitos que representam os pilares da teoria freudiana; inconsciente, sexualidade e pulsão:

A pulsão é precisamente esta montagem pela qual a sexualidade participa da vida psíquica, de uma maneira que se deve conformar com a estrutura de hiância que é a do inconsciente (Lacan, 1988: 167)

CAPÍTULO 3

PULSÃO E SEXUALIDADE

Iniciamos nosso trabalho com o objetivo de apresentar o conceito de sexualidade na teoria de Freud. No entanto, de acordo com os nossos objetivos, percorremos os textos freudianos procurando seguir um enfoque que diz respeito à segunda tópica freudiana, onde o conceito de pulsão e sua economia redimensionam a teoria de Freud. Embora a importância das intensidades pulsionais já pudesse ser reconhecida desde o *Projeto* de 1895, elas passam a ganhar vulto a partir dos textos metapsicológicos, onde ressaltamos o narcisismo como passagem para a teoria da pulsão de morte.

Na primeira tópica psicanalítica a ênfase ao aspecto econômico da questão pulsional já havia sido esboçada, inicialmente no *Projeto*, e posteriormente no privilégio dado a esta característica no texto das *Pulsões e suas vicissitudes*, onde a pressão (*Drang*) consiste na própria *essência* da pulsão, revelando-se como um principais articuladores da teoria freudiana depois de 1920. Sendo assim, privilegiamos a abordagem do conceito de pulsão sob a égide de uma economia que encontra-se sempre às voltas com a pressão e com estímulos, com uma força constante que impele à descarga. O que significa também ter que lidar perenemente com a condenação do psiquismo de nunca dominar totalmente o aplacamento das tensões através da drenagem e do escoamento dos excessos pulsionais. Dar ênfase a esta economia representa, para nós, trabalhar com o cerne do funcionamento psíquico, assim como enxergar neste psiquismo o esforço contínuo de ultrapassar uma condenação inarredável.

A palavra pulsão (*Trieb*) refere-se primordialmente a uma pressão incessante, “algo que propulsiona, coloca em movimento, aguilhoa, empurra, não deixa parar”. (Hanns, 1999:29) . O termo ‘pulsão’ “não designa uma realidade existente, mas um modo de falar de existentes, ele aponta para um conjunto de outros conceitos que formam a teoria psicanalítica” (Garcia-Roza,

1987:14)

Segundo Hanns, em seu *Dicionário comentado do Alemão de Freud*, a palavra *Trieb* é extremamente rica em sentidos. Por exemplo, o termo *Trieb* tanto pode designar instinto como também vontade ou desejo. Embora o aspecto polissêmico do termo faça com que instinto – pertencente ao campo da biologia enquanto ciência natural – e pulsão possam parecer próximos e possuam um núcleo básico de significação, sabemos que no seio da psicanálise a tradução de *Trieb* por instinto, apesar deste respaldo linguístico, não é de modo algum pertinente ao modo com que o termo *Trieb* ou pulsão representa a indeterminação e a força, presentes nesta energia psíquica.

Em meio a tantas diferenças entre um termo e outro – já inclusive suficientemente discutidas no campo analítico – nos parece relevante citar duas delas, para que possamos ter mais clareza ao trabalhar com este conceito.

Segundo Hanns, enquanto instinto tem um conteúdo descritivo e explicativo, *Trieb* porta a indefinição da pulsão, uma força inominável associada à dificuldade de apreendê-la. Enquanto instinto diz respeito a um comportamento rígido, *Trieb* se apresenta como moldável, plástica, uma vez que diz respeito muito mais à constância da força presente do que às suas manifestações. Quando se fala em instinto, pode-se falar em um comportamento que é sempre o mesmo, que não varia e que é ativado ou não a partir de alguma ação desencadeadora. Já o sentido de *Trieb* diz respeito fundamentalmente a algo que se manifesta incessantemente, “como se fosse um ‘gerador’ que reenvia estímulos ininterruptamente” (Hanns, 1996:340). Como o conceito de *Trieb* é mais amplo, Freud pode estar também falando de fome, necessidades orgânicas; inclusive o que é denominado como instinto nas ciências biológicas.

Freud apresenta esta distinção ao manter ao longo do desenvolvimento de sua teoria a noção de *Trieb* suficientemente associada a uma força poderosa e indeterminada, colocando o que quer que por ela seja movido, em movimento.

Entretanto, embora as diferenças entre estes termos pareçam bem estabelecidas, Laplanche procura apontar na teoria psicanalítica a proximidade com o campo biológico – referência que Freud nunca se furtou de utilizar – com o intuito de apontar algum reducionismo que esta utilização possa conter. A crítica efetuada por Laplanche é de que há um *desvio biologizante* na teoria de Freud. O que procuraremos examinar é se a inclusão do campo biológico implica em desvio. Vejamos então ao que estamos nos referindo.

3.1 Sobre o apoio

Pode-se dizer que ao longo dos *Três ensaios sobre a sexualidade* há um esforço de Freud para apresentar o que possa ser tomado como uma *origem* da pulsão sexual. Esta busca faz com que formule uma situação onde o apoio¹³ (*anlehnung*) tem um lugar específico. O auto-erotismo, sensação experimentada quando a criança obtém prazer com seu próprio corpo, tem como fonte primordial algo outrora vivenciado e associado a uma outra atividade que não apenas obter prazer com zonas erógenas:

É fácil também adivinhar as ocasiões em que a criança teve suas primeiras experiências do prazer, que agora luta por renovar. Foi a sua primeira e mais vital atividade, sugando o seio da mãe ou substitutos dele, que deve tê-la familiarizado com este prazer.
(Freud, 1905:186)

O impulso que visa repetir esta experiência que lhe deu tanto prazer transforma esta situação em uma verdadeira “luta pela renovação” e faz com que denominemos essa experiência de satisfação como “a experiência por excelência”. Nesta sexualidade auto-erótica ainda não há nenhuma espécie de ordem e, como já dissemos anteriormente, a sexualidade é fragmentada e parcial.

Freud nos diz que encontra-se neste enlace entre a satisfação de uma zona erógena

¹³ De acordo com Laplanche, um conceito raramente tematizado por Freud como tal. (Laplanche, 1997)

associada à satisfação de uma necessidade, a presença da pulsão sexual associada ao impulso de sobrevivência, de manutenção da vida. Este impulso será denominado posteriormente, por volta de 1910, como pulsão de autoconservação.

Dessa manifestação pulsional/sexual Freud fornece as três características denominadas como essenciais da manifestação sexual infantil:

Em sua origem ela se liga a uma das funções somáticas vitais; ainda não se tem objeto sexual e é, assim auto-erótica; e seu objetivo sexual é dominado por uma zona erógena. (Freud, 1905: 187)

A teoria do apoio, posteriormente, mais explicitamente no segundo dualismo pulsional, é abandonada, isto é, não se apresenta mais como uma questão a ser desvelada na teoria. Embora Freud não tenha dado maior importância a essa construção, (o apoio não é uma idéia que tenha sido aprofundada e nem mesmo problematizada em sua teoria), Laplanche retoma esta questão e sobre ela *apóia* sua crítica sobre *o desvio biologizante* de Freud.

Laplanche dedica uma série de artigos ao apoio no livro *Freud e a sexualidade, o desvio biologizante*. Para nós é interessante que se apresente uma síntese de suas idéias a esse respeito como uma contribuição em nossa pesquisa a respeito da articulação entre a pulsão e a sexualidade.

A crítica que Laplanche estabelece a partir da noção de apoio é a de que a pulsão de autoconservação – que serviria como apoio à pulsão sexual – é apresentada por Freud distanciada da noção de pulsão, isto é, sob a égide de um funcionamento concernente unicamente a funções vitais, necessárias. Segundo Laplanche, embora Freud tenha nomeado essa operação de autoconservação como pulsão, em seu pensamento não há exatamente lugar para que seja nomeada como tal, o que faz com que ela esteja sempre sub-dita à sexualidade.

A autoconservação será calcada na sexualidade, e inversamente isso vai recair sobre a pulsão sexual, abrir para uma institucionalização pelo menos virtual da pulsão sexual.

Definindo-se a função no registro da pulsão, corre-se inversamente o risco de fazer coincidir a pulsão com a função, no sentido de um funcionalismo da sexualidade. (Laplanche: 1997: 30)

Ou seja, na crítica de Laplanche, no momento em que Freud começa a tematizar a questão do apoio, nos anos de 1910-1912, é também o momento em que há o risco de desviar-se. Momento onde a auto-conservação for afirmada como uma pulsão que é paralela à sexualidade, ou seja, composta dos mesmos elementos que ela.

Embora Laplanche aponte como uma crítica o fato de Freud colocar sob a égide da pulsão sexual todo o funcionamento pulsional, nossa posição é a de que Freud tinha razões para sugerir implicitamente esta ausência de lugar para outra pulsão que não a pulsão sexual. De algum modo, Freud já esboçava a idéia de que as pulsões de autoconservação se incluíam entre aquelas que possuíam componentes libidinais. É o que afirma com clareza em 1920, no *Além do princípio do prazer*, quando seu conceito de pulsão de morte começava a ser formulado:

Mas ainda nos é mais necessário enfatizar o caráter libidinal das [pulsões] de autoconservação (...). Se as [pulsões] de autoconservação são também de natureza libidinal, *talvez não existam quaisquer outras pulsões, a não ser as libidinais?* De qualquer modo, não existem outras visíveis. (Freud, 1920a:72. Grifos nossos)

A crítica que Laplanche apresenta versa sobre a hipótese de que a noção de apoio, proposta por Freud como associada à necessidade de alimentar-se, para que se mantenha como uma noção realmente importante, deve ser subvertida pela referência à noção de sedução. Para Laplanche, na formulação do apoio em Freud não há a ênfase necessária à participação da ação do *outro*, presente nessa emergência da sexualidade.

A sedução a que se refere Laplanche é a formulada por Freud e já mencionada em nosso

primeiro capítulo. Diz respeito aos cuidados do adulto em relação ao bebê, cuidados que incluem não apenas os propriamente ditos, mas principalmente a fantasia do adulto presente nesta relação. Cuidados que terminam por demarcar as zonas erógenas através de mensagens ternas, carícias, brincadeiras.

Para Laplanche, Freud abandonou a teoria da sedução e este abandono fez com que se estabelecesse um retorno “a uma concepção puramente endógena da sexualidade” (Laplanche, 1997:7) ao que ele denomina de *desvio*, onde a teoria do apoio da sexualidade na autoconservação só tem sentido se houver a inclusão da presença e da ação do *outro*, presente na sedução infantil.

A crítica é a de que a importância dada ao funcionamento biológico, à necessidade – razão pela qual Freud teria dado a autoconservação um lugar específico diante da sexualidade – encobre e torna esquecido o sexual tal como Freud apresentou inicialmente: especificamente ligado à fantasia.

A nossa posição é a de que Freud não abandona jamais a sedução, o que abandona é um certo modo de conceber a sedução. Isto é, Freud modifica radicalmente o modo de abordagem do que possa ser sedução a partir da descoberta da fantasia. Portanto, a sedução permanece na obra freudiana como parte do processo sexual/pulsional. Deste modo, não nos parece que o *papel da sedução diante do apoio na teoria freudiana seja distinto* desse que Laplanche se encarrega de apresentar, afirmando que não há na teoria freudiana a importância devida à sedução. O que talvez Laplanche insista em deixar mais claro é a importância deste processo, nomeando-o como parte fundamental desta operação pulsional. O que também podemos encontrar em comentários de outros autores:

A ênfase freudiana na noção de apoio incide nas experiências com o semelhante, e não na idéia de desvio com relação a uma ordem instintual, idéia que sugere uma gênese da pulsão sexual a partir do instinto. (Rudge, 1998:13.grifos nossos)

De acordo com Rudge, em seu livro *Pulsão e Linguagem*, a pulsão não pode emergir em continuidade ao instinto, e para tal, uma forma de abordar a noção de apoio, *sem que se reduza a pulsão ao campo biológico*, é tomar o apoio como referente a forma com que a pulsão sexual encontra-se associada à experiência com aquele que do corpo do bebê se ocupa. Ou seja, Rudge afirma pertencer à teoria freudiana a noção de apoio associada à experiência com o outro, à experiência de sedução, que Laplanche afirma ter sido posta de lado por Freud.

Segundo Laplanche, é necessário tirar Freud do desvio presente na concepção de apoio onde a sexualidade é percebida como puramente endógena. É preciso que o pulsional se mostre suficientemente presente na autoconservação, isto é, a sexualização da autoconservação, o que é proposto por Laplanche na ênfase dada à sedução, tal qual a descrevemos acima.

Sua tese sobre o apoio remete a uma passagem do texto *Sobre o Narcisismo*, de 1914, onde Freud fala em um tipo de escolha objetal anaclítica¹⁴, isto é, escolha que se estabelece a partir daquele que não somente alimenta, mas daquele que cuida, protege, presente neste momento de sedução originária.

As [pulsões] sexuais estão, de início, ligadas à satisfação das [pulsões] do ego; somente depois é que elas se tornam independentes destas, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação, cuidados e proteção; isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua. (Freud, 1914b: 104)

Segundo Laplanche, o apoio calcado na sedução desloca o objeto sexual, fantasístico por excelência, de sua associação com a alimentação, fazendo com que essa operação de apoio não seja meramente um deslocamento metonímico dessa função de sobrevivência.

¹⁴ Termo que foi traduzido do alemão *anlehnung*, assim como *apoio*.

Nos parece que a crítica principal que se estabelece é endereçada para a forma com que Freud desenvolve sua teoria das pulsões. A crítica de Laplanche diz respeito à ausência de especificidades no modelo pulsional desenvolvido a partir de 1915, no texto *As Pulsões e suas vicissitudes*, onde, na visão de Laplanche, há uma descrição do modelo da pulsão muito geral, comum tanto à autoconservação quanto à sexualidade. Segundo o autor este modelo posteriormente desaparece, deixando em seu lugar o dualismo pulsão de vida e de morte. E este é seu alvo principal:

O desvio biologizante encontra o seu resultado em Freud na oposição pulsões de vida - pulsões de morte (Laplanche,1997:94)

Embora Laplanche aborde cuidadosamente o conceito de pulsão de morte não o faz para reiterar o que havia dito anteriormente em *Vida e morte em psicanálise*, quando dava a este conceito o lugar que lhe cabe na teoria psicanalítica.

(...) a pulsão de morte não tem energia própria. Sua energia é a libido. Ou melhor, a pulsão de morte é o princípio constitutivo, a própria alma da circulação libidinal. (Laplanche, 1985:127)

Uma das críticas feita por Laplanche à margem que o conceito de pulsão de morte dá a interpretações equivocadas – diz respeito, principalmente, à forma com que alguns autores ignoram a sexualidade – radical, desligada, ressurgida no que não é englobado por Eros. Segundo o autor, a escola de Melanie Klein utilizou mal o conceito de pulsão de morte. Pulsão de vida e pulsão de morte transformaram-se em lugar de combates entre o bom e o mau, o amor e a agressividade, o total e o parcial. Na teoria de Melanie Klein, nos diz Laplanche, é no antagonismo entre amor e agressividade que a sexualidade finalmente perdeu o seu verdadeiro valor. Nas pulsões de vida encontramos o sexual transformado em amor totalitário e sintetizante, enquanto na pulsão de morte a sexualidade tem que ser reconhecida, “com muito esforço”, por

detrás da destrutividade.

Prossegue sua crítica – também endereçada ao desvio biologizante de Freud – dizendo que a partir desta idéia o apoio perde definitivamente seu lugar, pois as pulsões estão presentes desde sempre, deixando a gênese sexual de ser um problema, pois a partir da importância do caráter endógeno das manifestações pulsionais, a sedução e a participação do outro nesse processo passam a ser considerados elementos secundários.

Retomando a questão de uma possível origem da pulsão sexual, embora Laplanche diga que sua crítica diz respeito unicamente ao desvio biologizante presente na teoria freudiana e não exatamente a distinções e fronteiras entre campos distintos, nos parece que a discussão que propõe diz respeito, principalmente, à tentativa de tomar diante do texto freudiano uma única posição, biológica ou psíquica.

Como se fosse preciso apontar como algo “grave” na teorização de Freud o remetimento ao campo da biologia, e em ocorrendo essa situação, sua teoria estaria sendo destituída de algum valor.

Laplanche diz com todas as letras:

A partir do abandono, por Freud, da teoria da sedução, o retorno a uma concepção puramente endógena da sexualidade era inevitável: o instinto enraizado na filogênese, embora descartado inicialmente, *não deixaria de obsedar* o pensamento freudiano. (Laplanche, 1997:7. grifos nossos)

Não concordamos com Laplanche quando denomina esta utilização do campo da biologia como um *desvio* ou um *reduccionismo biológico* da teoria de Freud. Nos parece que a problemática presente nessa discussão diz respeito à hipótese de que a pulsão seria um desvio da ordem instintual. Isto é, o pulsional tomado como desvio do biológico no esforço de que possa haver alguma espécie de cronologia da pulsão em relação às funções biológicas, momento onde as

pulsões seriam independentes do instinto.

O instinto, seja qual for a concepção de instinto que esteja sendo utilizada, é considerado como um comportamento pré-determinado, estável, de certo modo imutável, com objetivos adaptativos. O que tem como consequências caminhos pré-estabelecidos, com objetivos específicos. O pulsional é desviante em si mesmo e, se seguirmos o texto das *Pulsões e seus destinos*, veremos principalmente que a pulsão não tem objeto pré-determinado. Assim como na teoria da sexualidade de Freud, a sexualidade humana é errante, não diz respeito à procriação ou a uma condição de atividade individual, a serviço da procriação da espécie.

Quanto à “presença obsedante” da ordem instintual na teoria freudiana, não nos parece de modo algum que a pulsão enquanto conceito específico da teoria psicanalítica possa dar margem sequer a pensar no instinto, tal qual definimos anteriormente, *obsedando* a construção freudiana. Insistimos que manter este pensamento é retirar a pregnância máxima do conceito de pulsão, que justamente remete à singularidade da experiência e da teoria analítica.

O conceito de pulsão, por definição algo situado na fronteira entre o psíquico e o somático, é justamente um conceito que desvanece a nitidez de demarcação entre estes campos. Ao contrário – poderíamos dizer – é um conceito, antes de mais nada, articulador, e portanto não pode recair absolutamente nem na exclusão de um campo, nem de outro. Levando às últimas consequências suas pesquisas, Freud se mostra – e com razão – muitas vezes incerto quanto a definição de determinados fenômenos, como a angústia por exemplo, justamente por estarem estreitamente ligados a este conceito fronteiro que é a pulsão.

Lacan, ao trabalhar o conceito de pulsão no Seminário 11, não somente nos diz que Freud deu um emprego muito específico ao termo *Trieb*, mas também que o pulsional encontra-se, na experiência analítica, como algo que tem um caráter de irreprimível mesmo através das infundáveis tentativas de repressões. E ainda nos adverte que, se há constantemente a tentativa de reprimir, é porque existe além algo que não cessa de impulsionar:

A primeira coisa que diz Freud da pulsão é, se posso me exprimir assim, que ela não tem dia nem noite, não tem primavera nem outono, que ela não tem subida nem descida. É uma força contante. (Lacan, 1988:157)

A respeito de uma possível gênese do sexual – de onde surgiu todo o desenvolvimento sobre a questão do apoio – Freud dizia em 1905 que as crianças já trazem ao mundo germes da sexualidade e que parecem desde o início gozar de satisfação sexual. Isto é, o abandono da noção de apoio por parte de Freud diz respeito também a forma com que a teoria psicanalítica estabelece os acontecimentos psíquicos. Ou seja, não é possível na psicanálise trabalhar com uma cronologia no psiquismo, pois em se tratando de acontecimentos psíquicos trabalhamos com manifestações simultâneas.

É nesse sentido que, a respeito do apoio para a emergência da pulsão sexual, Freud fala em *ligar-se* – o verbo no tempo presente – a uma das funções somáticas vitais, podendo nos apontar que não se está tratando de um “antes ou depois”, mas um simultâneo. O que interessa fundamentalmente não é uma ordem a ser seguida, uma hierarquia a ser estabelecida.

Para retomar o que dissemos anteriormente, nos parece que toda a crítica de Laplanche à forma com que Freud trata da questão do apoio tem como objetivo principal o conceito de pulsão de morte. Segundo Laplanche, entre outras críticas, falta neste conceito a sedução, a fantasia como fonte da pulsão, assim como parece não concordar com o termo ‘pulsão de morte’, por achar que este termo contém *imprecisão e romantismo*.

Laplanche pergunta *Por que a pulsão de morte em Freud? Por que conservar a pulsão de morte, depois de Freud?* Na tentativa de refletir sobre estas questões, e no esforço de mostrar que este conceito não tornou-se uma *noção supérflua*, tal como Laplanche sugere, seguimos para abordar a pulsão de morte que tomamos como o conceito fundamental na teoria de Freud.

3.2 A pulsão de morte

Abordamos duas vertentes problemáticas que residem no conceito de pulsão: o problema do dualismo pulsional e a questão de uma possível distinção energética presente neste dualismo. A escolha em trabalhar estes dois pontos diz respeito à dificuldade que percebemos residir nestas questões quando as transportamos para o nível de uma economia pulsional.

Conforme sabemos, a virada freudiana em relação à teoria das pulsões deu-se em 1920, com o texto *Além do princípio do prazer*, onde Freud estabelece a noção de uma pressão em direção a um estado de ausência total de tensão. Se até esse momento a satisfação estava relacionada a um processo que dizia respeito, principalmente, à *descarga* de estímulos segundo os processos primário/secundário, a partir de 1920 a busca de satisfação virá a ser relacionada à persistência da pulsão em sua busca de total e absoluta *remoção* das tensões pulsionais:

A tendência dominante da vida mental e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, manter constante ou para *remover* a tensão interna devida aos estímulos (...). (Freud, 1920a:76) grifo nosso

Onde o que possa dizer respeito à satisfação passa a estar subdito à plenitude deste desejo de morte. Ressaltamos o comentário de Hanns a esse respeito:

(...) no texto *Além do princípio do prazer* (1920), quando Freud introduz mais diretamente a noção de Pulsão de Morte, a [satisfação pulsional] é pensada de maneira ampliada. A [satisfação] visada agora não se refere mais à procura imediatista de um momento de suspensão dos [estímulos], da [pressão], e assume a forma plena de desejo de morte. A [satisfação] procurada pela Pulsão de Morte é o total cancelamento da tensão. (Hanns, 1999:149)

De acordo com o que dissemos anteriormente, esta formulação parte de situações particulares – sonhos traumáticos, brincadeiras infantis, neuroses traumáticas – onde a partir do

fenômeno da compulsão à repetição, Freud observa uma forte inclinação que sobrepuja a tendência, até então predominante em sua teoria, a do princípio do prazer.

Com a ênfase posta na situação econômica, Freud leva em consideração principalmente a produção de prazer envolvida nas situações que tem na repetição uma característica muito acentuada. No entanto, se anteriormente o questionamento incidia sobre a presença do sofrimento associado ao princípio do prazer, a partir de 1920, Freud não descansará enquanto não puder estabelecer qual é a natureza que move a repetição de situações que não são, de modo nenhum, agradáveis. E é este fenômeno, o da compulsão à repetição, que o leva a constatar que operando no psiquismo, há uma força mais pulsional (propriamente dita), mais elementar, algo mais primitivo que o princípio do prazer. Força esta que leva Freud a formular um dos conceitos mais controversos de sua teoria, a *pulsão de morte*.

Com o objetivo de fundamentar esta conceituação, Freud recorre ao princípio do Nirvana¹⁵, cujo esforço consiste em reduzir totalmente a tensão interna e que será considerado como uma tendência exemplar do psiquismo para dar sustento à hipótese da pulsão de morte:

(...) assumimos a opinião de que o princípio governante de todos os processos mentais constitui um caso especial da tendência no sentido da estabilidade, de Fechner, e, por conseguinte, atribuímos ao aparelho psíquico o propósito de reduzir a nada ou, pelo menos, de manter tão baixas quanto possível as somas de excitação que fluem sobre ele. (...) O princípio de Nirvana expressa a tendência da pulsão de morte. (Freud, 1924a:199;201)

Nomeada por Freud como a primeira pulsão, a pulsão de morte recebe esta denominação por ser primitivamente dotada do impulso que visa restaurar um estado antigo, um estado de cancelamento absoluto de toda e qualquer tensão energética. No entanto não apenas há a pressão que impele à morte – no sentido de retorno ao inorgânico, ou reduzir à nada os estímulos – mas

¹⁵ Denominação proposta por Barbara Low e retomada por Freud para designar a extinção do desejo humano, um estado de quietude.

também o que subjáz no impulso de vida.

Partindo da hipótese de que o objetivo da vida será a condução para a morte, ou seja, manter a vida para assegurar a morte, Freud vai dizer que o organismo trabalha para morrer de seu próprio modo em uma luta paradoxal, onde podemos encontrar o organismo vivo resistindo com todas as forças contra situações que possam colocar em risco a sua vida, adiando então, o máximo possível, o alcance de seu objetivo maior que é a própria morte. Ou seja, reside nesta impossibilidade de restaurar um estado anterior o mesmo movimento que encontramos presente na própria natureza da pulsão; o defrontar-se com a impossibilidade de se satisfazer conduzindo a pulsão à repetição.

As pesquisas de Freud sobre a pulsão sempre tiveram como característica importante a busca de uma teoria que pudesse ser aplicada de modo geral a todos os viventes, o que fez com que Freud formulasse dois princípios que atuariam ora amalgamados, ora em oposição. Enquanto um deles trabalha com a tendência a preservar e a unir, o outro tende a aniquilar, destruir. Não há, na postulação desses funcionamentos, nenhum juízo ético que conflitue bem e mal, mas a colocação da presença, em vida, da ação conjunta desses fenômenos.

Não é totalmente clara no texto freudiano a posição de que não é possível fazer a separação entre estes dois funcionamentos pulsionais, vida e morte. Certamente em função da teoria estar sendo construída pode-se encontrar – embora com muito menos frequência – tanto uma posição que encaminha para um raciocínio opositório, quanto uma outra posição – que é a que optamos por seguir e manter – de uma e mesma pulsão com diferentes modos de operação. Em relação à primeira opção, pode-se ler, na citação que segue, a referência que Freud faz a uma classificação dualística opositória das pulsões:

Nossas especulações sugeriram que Eros opera desde o princípio da vida e aparece como uma [pulsão] de vida, *em oposição* à [pulsão] de morte, criada pela animação da substância inorgânica. Essas especulações procuram resolver o enigma da vida pela suposição de que essas *duas [pulsões] se acham*

lutando uma contra a outra desde o início.(Freud, 1920a:82.Grifos nossos)

No que tange à segunda opção, estamos nos referindo à uma força poderosa, de origem indeterminada e atemporal que, ao se manifestar incessantemente, se ramifica em numerosas e pequenas pulsões:

As pessoas supõem existirem tantos e tão diversas [pulsões] quanto aqueles de que elas necessitam no momento – uma [pulsão] de auto-afirmação, uma [pulsão] de imitação, uma [pulsão] lúdica, uma [pulsão] gregária e muitas outras semelhantes. As pessoas as pegam, por assim dizer, fazem cada um delas desempenhar sua função particular, e depois, as dispensam novamente. Sempre se nos impôs a suspeita de que, *por trás de todas essas pequenas [pulsões] ad hoc, escondia-se algo sério e poderoso*, do qual gostaríamos de nos aproximar com cautela. (Freud, 1933a:119-120. Grifos nossos)

Não há dúvidas de que o texto de 1920, *Além do princípio do prazer*, é um texto árduo e dotado de inúmeras sutilezas. Uma delas, no nosso ponto de vista, diz respeito a manutenção que Freud faz de um raciocínio que opera a partir de oposições. Ou seja, um pensamento dualístico que, de certo modo, confundiu significativamente a abordagem sobre o conceito de pulsão. Com o intuito de manter um dualismo, Freud propõe – no lugar da antítese anterior, pulsões do ego e pulsões sexuais – dois modos de operação que se entrelaçam e se conjugam com propósitos aparentemente distintos:

É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de [pulsões] se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada.(Freud, 1920a:58)

Segundo Freud, uma distinção que anteriormente se dava no plano qualitativo, passa a ser

caracterizada como topográfica, estabelecida a partir de uma descrição particularizada das partes que formam o *Trieb*. O que leva Freud a refletir que está tratando com uma mesma equação composta de duas quantidades, fusionadas e onde não é possível dizer que aqui encontra-se um modo de funcionamento e ali um outro modo. Muito pelo contrário, raramente uma ação pode ser fruto de um único impulso pulsional:

No que concerne ao campo psicanalítico das idéias, só podemos presumir que se realiza uma fusão e amalgamação muito ampla, em proporções variáveis, das duas classes de [pulsões], de modo que *jamais temos de lidar com [pulsões] de vida puras ou [pulsões] de morte puras, mas apenas com mistura delas, em quantidades diferentes.* (Freud, 1924a:205. Grifos nossos)

O que faz também com que Freud atribua a essa dificuldade de isolar uma ou outra, a descoberta tardia de um outro modo de comparecimento da pulsão. Ou seja, o que temos é uma engrenagem econômica operando incessantemente e que faz com que não possamos nos restringir em nos relacionar com o aparelho psíquico atribuindo ao empuxo pulsional qualidades e atributos.

À respeito do dualismo na obra freudiana encontramos no livro de Garcia-Roza, *Introdução à metapsicologia freudiana* vol.3, uma colocação que traz alguns esclarecimentos à nossa questão. Este autor nos diz que embora Freud tenha proposto várias formas de “dualismo” – princípio de prazer/princípio de realidade; inconsciente/consciente; processo primário/processo secundário – ele não pode ser considerado um dualista no sentido filosófico do termo, o que implicaria em pensar a partir de duas substâncias, a material e a espiritual. A dualidade proposta por Freud não implicaria em um dualismo propriamente dito, mas algo próximo a um pensamento que opera com dualidades, composto por categorias que se opõem dialeticamente, mas que os termos implicados nesta oposição não existem a não ser na oposição proposta:

A diferença que estou fazendo, aqui, entre “dualismo” e “dualidade” pode ser resumida no seguinte: no dualismo, as entidades implicadas preexistem e são exteriores às relações que

estabelecem, enquanto que numa dualidade, os elementos que a formam só existem na e pela relação estabelecida. Neste sentido, os “dualismos” freudianos são muito mais dualidades do que dualismos propriamente ditos. (Garcia-Roza, 1996:276)

É nesse sentido, na proposta de um dualismo pulsional, que Freud torna ambíguo o entendimento de sua teoria das pulsões e, mais precisamente, sua última configuração pulsional.

A exigência dualística se apresenta não somente na configuração da oposição pulsões de vida e pulsões de morte, mas inclui também outras polaridades, tais como: amor e ódio, conservação e destruição, por exemplo. No entanto, podemos observar que dificilmente encontramos no texto freudiano – a partir de 1920 – a referência a um dos modos da pulsão, de vida ou morte, sem que haja seguidamente a associação a outra. Isso sem falar que Freud faz questão de discorrer sobre este funcionamento sublinhando que as duas são amalgamadas e atuam no psiquismo alternadamente, sem que se possa de fato precisar onde começa a atuação de uma ou termina a da outra.

A questão principal diz respeito à dificuldade que Freud não se furta de abordar que é a de *precisar* a forma com que estas pulsões se encontram amalgamadas:

(...) ambos os tipos de [pulsão] estariam ativos em toda partícula de substância viva, ainda que em proporções desiguais (...). A hipótese não lança luz sobre a maneira pela qual as duas classes de pulsões se fundem, misturam e ligam uma com a outra, mas que isso se realiza de modo regular e de modo muito extensivo, constitui a pressuposição indispensável à nossa concepção. (Freud, 1923b:56. Grifos nossos)

Mais adiante, no texto acima citado *O ego e o Id*, Freud continua a demonstrar a dificuldade que reside na distinção entre as pulsões. Como exemplo cita a ambivalência presente no amor e no ódio e a forma com que frequentemente um encontra-se acoplado ao outro, o ódio se transformando em amor e o amor em ódio:

Se essa modificação é mais que uma mera sucessão temporal – isto é, se um deles realmente se transforma em outro – então perde-se completamente a base para uma distinção tão fundamental como a existente entre [pulsões] eróticas e [pulsões] de morte, distinção que pressupõe processos fisiológicos correndo em direções opostas. (Freud, 1923b:58)

Como ponto comum entre esses dois modos de funcionamento há algo fundamental e que nos leva a remeter à razão de Freud em nomear a pulsão de morte como a primeira pulsão. Reside no fato de ambas serem conservadoras. Isto é, possuem a característica de tentar restaurar uma situação anterior, um estado inorgânico em um movimento perene e perpétuo, onde do aniquilamento de algo, surge novamente o impulso para a construção. Ambos também obedecem à insistência para restabelecer um estado – de ausência de tensão, ou em outras palavras, de completude total, gozo absoluto – que permitiria o alcance desta morte demasiadamente requerida.

Se mantivermos no pensamento psicanalítico um dualismo pulsional, ao invés de um pensamento dualista, realmente não poderemos, como estamos procurando sustentar, uma única lógica regendo todo um funcionamento, mas teremos então que trabalhar com categorias tais como homem/mulher, macho/fêmea, homossexual/heterossexual, estas vistas não meramente como manifestações sintomáticas, contingenciais, como abordamos anteriormente, mas realmente como manifestações *naturais* e *necessárias*, remetidas às dualidades estabelecidas *a priori*. Esperamos ter deixado claro que não é a isso que estamos nos propondo.

3.3 Destrutividade e criação ou o mal-estar da sexualidade

Em 1930, no texto *O mal-estar na civilização*, Freud dá uma ênfase maior ao aspecto destrutivo presente no movimento pulsional. É também fundamentalmente da presença de um mal-estar decorrente da pulsão de morte que este texto trata. Ou seja, o mal-estar já é expressão

deste conflito presente na pulsão: de um antagonismo – entre as exigências do funcionamento pulsional em busca de um aniquilamento das tensões e a competência deste em atender a esta demanda incessante – presente sem que o processo civilizatório, e consequentemente a educação, possam equacionar. Isto é, à revelia de maiores ou menores restrições externas impostas ao indivíduo, o mal-estar reinará, pois sua origem está relacionada à impiedosidade das exigências da pulsão e não somente às exigências impostas pela cultura ou pelo princípio de realidade, já que estes sobretudo traduzem a mesma intensidade presente no funcionamento da pulsão.

Se fizermos um contraponto entre a posição de Freud a este respeito na primeira e na segunda tópica podemos constatar o abismo que separa o texto de 1908, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna* e o *Mal-estar na civilização*, de 1930. No primeiro encontramos a atribuição à repressão que a civilização faz à vida sexual como fator constituinte das doenças nervosas, enquanto no segundo texto Freud explicita a impossibilidade de suspender um mal-estar que é decorrente da própria natureza pulsional, onde a cultura ou a civilização podem ser vistas como formas de expressar, ou seja, de repetir esta mesma pressão que o psiquismo sofre.

Anteriormente à abordagem feita neste texto de 1930, podemos encontrar na obra freudiana¹⁶ o trabalho de pesquisa que por fim leva Freud a concluir que há, presente nas pulsões, uma força avassaladora, destrutiva e que opera com a mesma intensidade com que operam as forças que visam a manutenção e a união. Ou seja, concomitante ao movimento que extingue, há o movimento que trabalha para reconstruir, onde não é possível falar de destruição sem que imediatamente ocorra o renascimento, a invenção de algo novo.

Lacan nos diz que se por um lado a pulsão de morte põe em causa tudo o que existe – e este seria o sentido de destruição – por outro ela imediatamente impõe um impulso em direção à criação a partir das cinzas, presentificando a intensa força do recomeço.

Admitir a presença dessa força destrutiva significa aceitar com mais disponibilidade as

¹⁶ Estamos nos referindo às manifestações de crueldade presentes no sadismo e nas pulsões parciais, descritos

manifestações que desta destrutibilidade possam ocorrer, portanto, do novo. Como exemplo, podemos nos reportar ao texto *Por que a guerra?*, de 1933, onde Freud e Einstein trocam cartas e onde Freud atribui à guerra uma das manifestações

cruéis das desgraças da vida. Ou seja, por detrás de uma guerra, nos diz Freud, encontram-se presentes sentimentos como a necessidade de preservar-se a todo custo ou o desejo de aniquilar o outro. A agressividade também faz parte desta porção destrutiva, uma agressividade que é inerente às formas com que a civilização se configura encontrando-se presente no psiquismo humano à revelia de quaisquer contingências. A esse respeito segue o comentário de Freud no texto *O mal-estar da civilização*:

A agressividade não foi criada pela propriedade. Reinou quase sem limites nos tempos primitivos, quando a propriedade ainda era muito escassa, e já se apresenta no quarto das crianças, quase antes que a propriedade tenha abandonado sua forma anal e primária; constitui a base de toda relação de afeto e amor entre pessoas(...). (Freud, 1930[1929]:135. Grifos nossos)

A agressividade passa a ocupar um lugar importante a partir de 1920. Não que Freud não tivesse dado lugar a agressividade em seus trabalhos anteriores. Ao contrário, este era um tema bastante presente desde os *Três Ensaio*s, mas o que Freud efetiva é o estatuto da agressividade como força motriz, presente na pulsão de morte:

O que veio a desconcertá-lo, portanto, assim como desconcertou a outros, foi apenas a razão de ter hesitado em elevar a agressividade a uma rival da libido. “Por que nós próprios”, indagou-se mais tarde, ao olhar para esses anos, “precisamos de tanto tempo antes de decidirmos reconhecer uma pulsão agressiva?”(Gay, 1989:364)

A ênfase dada por Freud à agressividade como uma manifestação inata, presente na

humanidade, destituiu esse sentimento de atributos negativos, pertencentes apenas a alguns ou presente somente em determinadas situações. Ora, talvez *pudesse* ter sido dessa forma. A resistência em acolher o conceito de pulsão de morte denunciou a dificuldade da humanidade em perceber e aceitar como seus os impulsos agressivos. A razão dessa dificuldade Freud atribui à contradição, não somente das suposições religiosas que pregam a bondade *natural* no homem, mas também das regras sociais que necessitam de uma exclusão dessa agressividade:

Se a existência dessa pulsão de morte ainda não se tornou lugar comum, se ainda dá a impressão de paradoxo inútil, é porque ninguém até agora ousou escrever os “três ensaios sobre a pulsão de morte”, que superariam as descrições da criminologia comum, como os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* tomaram caduca a sexologia. É claro que, sob este aspecto, as resistências são infinitamente mais fortes que do lado da libido.
(Mannoni, 1994:162)

Há uma passagem no *O mal-estar na civilização* que Freud esclarece que o que anteriormente teria atribuído às manifestações destrutivas percebidas no sadismo e no masoquismo passa a ser incluído como parte dessa força pulsional intensa e que ele atribui às formas de comparecimento até então “silenciosas”, da pulsão de morte, concedendo então à destrutividade o seu devido lugar. No entanto, nem tudo fica assim tão claro, pois ambas manifestações, tanto no sadismo, quanto no masoquismo, há a expressão do aspecto fusionado da pulsão. É o que nos diz Freud no texto *Por que a guerra?* :

(...)formulamos a hipótese de que essa relação é uma relação-modelo – que todo impulso pulsional que pudermos examinar, consiste em fusões ou ligas parecidas das duas categorias de pulsões. (Freud, 1933c[1932]:130-131)

Estamos aqui diante de um problema. Na maior parte de sua obra é visível que Freud procura manter a libido como uma energia exclusivamente sexual, parecendo, por um lado, que não há

nada que possa não ser sexual. Ou seja, eis aqui a problemática que mencionamos anteriormente de tomar a pulsão a partir de diferenças ontológicas entre vida e morte, por exemplo, ou a partir de manifestações, e não a partir de sua lógica. Esta tentativa de Freud pode ser localizada em sua teoria da libido no que tange ao empenho em manter alguma coisa que pudesse fazer oposição para que essa exclusividade da libido de pertencer exclusivamente ao *sexual* não se perdesse. Quando Freud se vê diante do problema de excluir a libido do sadismo e do masoquismo, que por sua vez contém aspectos agressivos e destrutivos, propõe como alternativa que se conceba o aspecto fusionado das pulsões, comentário que encontramos no texto *Esboço de psicanálise*:

Nossa justificativa para incluir na libido os impulsos agressivos baseia-se na opinião de que o sadismo constitui uma fusão [pulsional] de impulsos puramente libidinais e puramente destrutivos, fusão que, doravante, persiste ininterruptamente. (Freud, 1940[1938]:179)

Vejamos como Freud vai tratando essa questão.

O conceito de narcisismo já havia desvanecido fronteiras ao demonstrar que o próprio ego encontra-se investido pela libido e essa libido pode tanto voltar-se para os objetos quanto retornar ao ego. Freud constata que o conceito de libido ficou ameaçado no entanto no texto do *Mal-estar na civilização* fica claro que Freud não cede em suas convicções:

Como as [pulsões] do ego também são libidinais, pareceu, por certo tempo, inevitável que tivéssemos de fazer a libido coincidir com a energia pulsional em geral, como C. G. Jung já advogara anteriormente. Não obstante, ainda permanecia em mim uma espécie de convicção, para a qual ainda não me considerava capaz de encontrar razões, de que as pulsões não podiam ser todas da mesma espécie. (Freud, 1930[1929]:140)

No parágrafo seguinte permanece mantendo uma oposição entre as manifestações, *ruidosas*, de Eros, e as manifestações *silenciosas* da pulsão de morte. Porém, logo depois Freud observa:

(...) os dois tipos de [pulsão] raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim irreconhecíveis para nosso julgamento. (Freud, 1930[1929]:141)

Ao dizer que dificilmente poderíamos perceber a atuação da pulsão de vida ou de morte sem estarem fusionadas, Freud nos permite afirmar que não existe a possibilidade de encontrarmos uma ou outra pulsão de modo isolado. Talvez o que possamos dizer é que a partir desse impulso intenso e poderoso possamos encontrar a presença de “pequenas e parciais pulsões”, diferenciadas pela quantidade de energia investida que portam, decantações de uma força maior, esclarecimento feito por Freud no texto das *Pulsões e suas vicissitudes*:

Devemos supor que as diferentes [pulsões] que se originam no corpo e atuam na mente são também distinguidos por qualidades diferentes, e que por isso se comportam de formas qualitativamente diferentes na vida mental? Essa suposição *não parece ser justificada*; é muito mais provável que achemos suficiente a suposição mais simples – a de que todas as pulsões são qualitativamente semelhantes e devem o efeito que causam somente à quantidade de excitação que trazem em si, ou talvez, além disso, a certas funções dessa quantidade (Freud, 1915b:144. Grifos nossos)

Retomando então nossa questão, insistimos na dificuldade que reside em tomar um acontecimento como uma manifestação onde se possa isolar a presença da pulsão de morte ou da pulsão de vida. Ou, o que nos parece ainda mais complicado, a abordagem de situações onde afirma-se, a partir da *presença da pulsão de morte*, haver a presença de um não sexual. Como se o que faz com que denominemos uma pulsão como de morte, ou seja, a força que move em direção ao cancelamento das tensões, não caracterize a própria alma do funcionamento pulsional e sendo assim, do ponto de vista de uma dinâmica, de uma economia, a pulsão é em primeira e última instância, de morte, sempre.

É o próprio Freud quem encaminha seu pensamento sobre as pulsões para o que posteriormente seria elucidado por outros autores com o empenho de continuar aquilo que Freud não concluiu:

Também a questão de saber se o caráter conservador não poderia pertencer a todas as [pulsões], sem exceção; se também as [pulsões] eróticas não poderiam estar buscando reconstituir uma situação prévia, ao se empenharem por efetuar uma síntese de coisas vivas em unidades sempre maiores – também essas questões *devemos deixar sem resposta.* (Freud, 1933a[1932]:134. grifos nossos)

Nesta conferência *[Angústia] e vida [pulsional]*, já citada anteriormente, Freud diz que embora os fenômenos do masoquismo e do sadismo possam parecer um problema de solução duvidosa para a teoria da libido, “uma pedra no caminho da teoria”, podem também ser considerados como uma via possível para que o que é visto como obstáculo transforme-se “na pedra angular da teoria que a substitui”. (Freud, 1933a[1932]:130). Uma teoria que virá a ter na pulsão de morte o representante príncipes da questão pulsional, cuja força maior e única é em direção ao equacionamento absoluto das tensões.

As colocações de Freud a respeito da pulsão de morte não foram realizadas em tempo hábil para que pudessem ter sido mais esclarecidas. Freud dedicou uma enorme parte de sua obra às pesquisas sobre as pulsões sexuais e o mesmo não se pode dizer com relação à pulsão de morte. O que certamente não impediu que a teoria da pulsão de morte tivesse força suficiente para se impôr posteriormente e englobar o sexual num todo mais coerente.

3.4 O Sexual e a Pulsão

Vimos até aqui abordando a pulsão como uma única força onde encontramos variáveis de intensidades investidas em campos e objetos. Força que ao dissociar-se em duas vias pulsionais

passa a ser chamadas por Freud de pulsões de vida e pulsão de morte. Mostramos anteriormente que não existe uma diferença de natureza entre essas duas pulsões, mas dinâmicas diferentes a partir de um impulso único, a pulsão. Freud nos disse que na prática estas duas dinâmicas nunca se apresentam isoladas, separadas, deixando para um plano secundário a interrogação acerca de um dualismo estrutural ou de um monismo que sustenta a presença destes modos distintos. O que nos parece relevante é destacar a sua característica insistente: a busca de satisfação que consiste no objetivo em retornar a um estado anterior, de dissolução. Um objetivo que ancora-se na impossibilidade de uma satisfação absoluta, na ausência de condições do psiquismo em encontrar o objeto adequado.

No texto de 1926, *Inibição sintoma e angústia*, as pesquisas de Freud estão principalmente centradas em torno da origem da angústia como sinal eminente de perigo para o ego, “sede real da angústia”¹⁷. Freud percebe a conexão existente entre a libido acumulada – a decorrente impossibilidade do psiquismo em dar conta totalmente destas exigências de satisfação – e a angústia como sinal desta situação, isto é, uma reação ao que agora se expressa como o traumático por excelência: o estado de desamparo (*Hilflosigkeit*). Para elucidar o que é que se apresenta como um perigo para o psiquismo, Freud enxerga no estado de desamparo, protótipo da situação traumática, o que o levará a maiores esclarecimentos sobre a angústia.

Freud relaciona estas conclusões a respeito da proximidade entre a angústia e o desamparo, como uma forma de retorno ao início de sua teorização, ao *Projeto* de 1895 propriamente dito. Porém, mais do que “remontar aos primeiros achados”, nos diz Freud, trata-se de colocar estas conclusões anteriores em harmonia com as suas descobertas recentes.

A respeito do fator quantitativo, pode-se dizer que este é um dos textos onde Freud esclarece esta questão em sua teoria. Freud diz que a angústia é sempre angústia de desamparo por estar associada a um estado de desprazer que segue trilhas específicas, ou seja, tem um

¹⁷ Esta definição não somente é encontrada nesse texto, mas também anteriormente no *Ego e o Id*, de 1923.

histórico onde o psiquismo já vivenciou uma situação baseada em um aumento de excitação, uma grande perturbação na economia psíquica provocada por um acúmulo de quantidades de estímulos que demandavam apaziguamento. O que Freud deixa mais claro é que não se está tratando de determinadas exigências que se apresentam devido a acontecimentos propriamente particulares, mas está se tratando unicamente de perigos que são os mesmos para todos, ou seja, “os perigos são o destino comum da humanidade” (Freud, 1926[1925]:174), grandes somas de excitação acumuladas que demonstram a total ineficácia do aparelho psíquico em lidar com estes *quântuns*:

Todo indivíduo tem, com toda probabilidade, um limite além do qual seu aparelho mental falha em sua função de dominar as quantidades de excitação que precisam ser eliminadas. (Freud, 1926[1925]:172)

No texto *Inibição, sintoma e angústia*, Freud diz serem três os fatores que estabelecem as relações *quantitativas* (“relações que não são diretamente observáveis mas que só podem ser inferidas”): um fator biológico, um fator filogenético e um psicológico. Fatores que estabeleceram as condições sob as quais as forças da mente são postas umas contra as outras:

O fator biológico – principais necessidades que dão lugar a estímulos endógenos – diz respeito ao estado inicial de vida de um bebê, onde suas necessidades estão relacionadas primordialmente à *ação específica*, ou seja, aos estímulos que sobre o psiquismo incidem e que dizem respeito principalmente à sobrevivência deste bebê, onde as necessidades somente serão atendidas a partir da ação de uma outra pessoa. Estas excitações resultam em um estado de medo, medo de não ter estas necessidades primordiais aplacadas:

A situação, portanto, que ela considera como um ‘perigo’ e contra a qual deseja ser protegida é a de não satisfação, *de uma crescente tensão devida à necessidade*, contra a qual ela é inerme. (Freud, 1926[1925]:161)

Freud diz que este medo de não ter estas necessidades atendidas desloca-se para o medo de perder

o amor deste que atende estas necessidades. Medo de separar-se ou de perder o objeto amado/necessário.

Este fator biológico representa o longo período de tempo em que o bebê permanece em condições de desamparo e dependência. O fato do bebê vir ao mundo em um estado de despreparo radical em relação à maior parte dos animais faz com que as influências do mundo externo que sobre ele incidem ganhem um vulto muito maior, fazendo com que o objeto que irá protegê-lo se estabeleça em uma dimensão aumentada:

O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida. (Freud, 1926[1925]: 179)

O fator filogenético está baseado somente em inferências, presumido a partir da forma com que se desenrola o desenvolvimento da libido e diz respeito, principalmente, à forma com que o homem lida com as moções sexuais. A respeito da relação com o caráter filogenético, Freud já havia tocado nesta questão anteriormente, em 1905, nos *Três Ensaio*s, ao dizer que a sexualidade está sempre às voltas com barreiras e impedimentos, e que estes, embora pareçam estar relacionados a restrições da educação, estão, de fato, relacionados a algo que é organicamente determinado, fixado pela hereditariedade, podendo ocorrer sem que a educação tenha a menor influência sobre isto.

Freud nos diz que a maior parte das exigências pulsionais presentes na sexualidade são tratadas pelo ego como perigosas e desviadas. Eis a presença da etiologia mais direta das neuroses e mais ainda, a experiência de desamparo, pois, segundo Freud, as exigências da sexualidade tem um efeito sobre o ego semelhante ao produzido quando o psiquismo entra em contato com o mundo externo. Ou seja, o de que está se tratando é sempre de uma sexualidade que nunca damos conta absolutamente. Sexualidade associada à experiência de excesso vivenciada pelo psiquismo, de desamparo diante deste excesso pulsional.

O terceiro e último fator, talvez o mais importante, é a total incapacidade do nosso psiquismo de fugir dos perigos pulsionais internos, ou seja, das moções excessivas, que sobre este psiquismo incidem. É o que nos diz Freud, no *Mal-estar na civilização*:

(...) quando consideramos o quanto fomos mal sucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, *uma parcela de natureza inconquistável* – dessa vez, *uma parcela de nossa própria constituição psíquica*. (Freud, 1930[1929]:105. grifos nossos)

No *Mal-estar na civilização* Freud sublinha que nunca dominaremos completamente a natureza, e que o nosso corpo, nosso psiquismo, partes dessa natureza, serão sempre estruturas passageiras, com limitada capacidade de adaptação e realização. No entanto, embora esta constatação possa parecer dotada de *pessimismo*, Freud nos diz que é exatamente este reconhecimento que impede qualquer paralisia, servindo, ao contrário, como fator impulsionador, empurrando e apontando para a atividade.

Podemos também verificar, nas conclusões de Freud no texto *Inibição, sintoma e angústia*, que a angústia é sempre angústia de desamparo, “um produto do desamparo mental da criança, o qual é um símile natural de seu desamparo biológico” (Freud, 1926[1925]:162).

Vemos então que na segunda tópica freudiana o sexual é ligado aos perigos do desamparo, às moções pulsionais, indicando a incapacidade do psiquismo em lidar com estas moções.

Este é o sentido do sexual, do traumático, uma impossibilidade absoluta de assimilação configurando-se na insistência perene de elaboração. Assim, o desamparo representa a ligação explícita entre esta experiência de excesso pulsional e o que desta experiência decorre: trauma, castração e perda de amor. Ou seja, a realidade sexual do psiquismo.

CONCLUSÃO

A psicanálise não vê sexo em tudo, mas sim tudo no sexo. (MDMagno, 1996:8)

Procuramos mostrar que o sexual na obra freudiana está relacionado a algo impossível de se dizer absolutamente, algo que resiste à qualquer tentativa totalizante de definição. No entanto é passível de ser abordado a partir das suas manifestações, presentes nos modos com que a sexualidade se apresenta – sem que possa, mesmo assim, ser reduzido a estas – modos contingenciais e portanto infinitos.

A psicanálise não lida com outra coisa senão com o sexual. Isto significa que este sexual encontra-se no âmago da experiência analítica, podendo ser considerado como seu paradigma. Ter o sexual como ponto de partida de uma teoria significa se defrontar, o tempo todo, com sua presença em todas as manifestações psíquicas.

Procuramos mostrar que a autonomia do sexual sempre foi sublinhada e sustentada por Freud pela via da teoria das pulsões, onde falar em pulsão é falar em sexual. Conforme desenvolvemos, a importância da segunda tópica freudiana reside na ênfase dada por Freud ao aspecto econômico de sua metapsicologia, mais especificamente no conceito de pulsão, onde sua característica fundamental, a pressão constante e inarredável, conduz o psiquismo a defrontar-se com o desamparo. Nossa hipótese é a de que é nesta ênfase ao econômico que encontramos, no texto freudiano, as indicações para a articulação entre o sexual e a pulsão, sendo esta a articulação que procuramos estabelecer como *fio condutor* de nossa dissertação.

Procuramos apontar na obra freudiana o esforço realizado por Freud em busca de uma teoria das pulsões *para além* de suas manifestações. Razão pela qual Freud vai das

sobredeterminações inconscientes da primeira tópica para a economia pulsional da segunda tópica, das manifestações da sexualidade para o estabelecimento de um modelo teórico. Enfatizamos este segundo momento da teoria por enxergarmos na metapsicologia freudiana um modo de funcionamento que perpassa os níveis psíquico, biológico e cultural.

A partir de 1920, na abordagem do funcionamento do psiquismo o que passa a ser relevante não é mais algum conteúdo de situações específicas, mas a presença de quantidades excessivas de moções pulsionais que o psiquismo não tem condições de equacionar.

Encontra-se também na segunda tópica da teoria psicanalítica o deslocamento da noção de castração antes associada a interditos e proibições – tal como Freud sugere com a metáfora do Édipo – para ser associada à noção presente na pulsão de morte de impossibilidade de retorno a um estado anterior de cancelamento das tensões. A ênfase na impossibilidade reside também em poder considerar, no movimento pulsional, a ausência de algum objeto específico que possa aplacar definitivamente as tensões.

Conforme apresentamos, a articulação entre o sexual e a pulsão já pode ser reconhecida no *Projeto*, no início da teorização freudiana, quando Freud faz a primeira articulação entre o *desamparo* e o trauma. Posteriormente, a partir de 1920, esta articulação é retomada com vigor, passando a relacionar explicitamente desamparo, trauma e excesso pulsional. Assim, a idéia de trauma termina retornando ao ponto inicial da investigação freudiana: o sexual, agora sob nova luz, a da teoria das pulsões em sua versão mais acabada, isto é, a lógica da pulsão de morte.

Também pode-se observar que tanto a concepção de sexualidade quanto a noção de desamparo, inicialmente referidos somente aos primeiros anos de vida de um ser humano, serão estendidos para o próprio modo do psiquismo de lidar com as moções pulsionais, nublando as fronteiras entre o infantil e o adulto na ótica de uma dinâmica inconsciente e pulsional.

Podemos concluir que, em detrimento de uma noção de falta, o que assola o psiquismo é o excesso pulsional e a decorrente ameaça de desamparo frente à experiência traumática. É isso

que parece ter tamanho impacto sob o psiquismo, o que há de tão impactante no sexual; a presença constante e inarredável das moções pulsionais, expondo este psiquismo às inundações energéticas que não somente alteram seu funcionamento, mas sobretudo se apresentam como parte inseparável deste psiquismo. O que se repete, o que obedece à uma verdadeira *compulsão à repetição*, é este esforço em dominar algo que não cessa de se colocar.

Para abordar a imprecisão que reside na redução do sexual às suas manifestações procuramos sustentar a idéia de uma força que rege um processo, o sexual propriamente dito, e as manifestações que daí decorrem, as formas com que esta força se presentifica. Um primeiro nível que diz respeito ao almejado repouso da pulsão assim como à impossibilidade de satisfação, tal como este movimento deseja. E um segundo nível, onde encontramos as formas sintomáticas, onde se manifesta tudo que desta impossibilidade decorre. No entanto, insistimos que dizer que se algo se dá a partir de determinadas regras e normas não quer dizer, absolutamente, que possa ser reduzido à estas regras, normas ou formas. Utilizamos como exemplo o uso convencional dos gêneros *masculino e feminino, ativo e passivo*, frutos de uma construção arbitrária do biológico, que toma, em última análise, o anatômico como única referência, assim sustentando supostamente um *fundamento naturalista* da diferença entre os sexos.

Em 1932, Freud nos diz que a psicanálise não tem condições de fornecer uma *Weltanschauung*, uma visão do universo, uma construção intelectual fechada, que responda às questões que assolam a existência humana onde perguntas não ficariam sem respostas e onde tudo o que possa interessar terá seu lugar estabelecido¹⁸. A psicanálise não somente não fornece uma *visão* como essa, mas sobretudo não necessita de uma própria para ser um discurso potente num mundo que encontra-se justamente às voltas com as quebras e ausências de fundamentos garantidores. No entanto, dizer que a psicanálise não pode dar uma visão fechada de mundo, não significa dizer que ela não possa operar, falar de modo aberto sobre esse mundo. O que significa

¹⁸ Embora saibamos que esta concepção de visão de mundo dissesse respeito à *visão de mundo* científica da época, trata-se de uma concepção de ciência ultrapassada, pois hoje a ciência encontra-se às voltas com dificuldades

poder acolher toda e qualquer manifestação humana sem reduzi-las a categoria de necessárias, isto é, o que não pode não ser, mas sim tratá-las como contingentes, o que pode ser ou não ser.

Trabalhar com manifestações consiste na forma com que a psicanálise estabelece sua prática. No entanto, sua prática não se restringe a trabalhar com estas manifestações, configurações, traduções de um funcionamento psíquico. Sobretudo, a experiência analítica proporciona àquele que a este exercício se submete, a experiência de *sorte* de ampliar suas possibilidades, exatamente a partir do paradigma do sexual, da dinâmica do pulsional, onde as manifestações sintomáticas poderão ser tratadas como combinações, configurações, e sendo assim, com a possibilidade de serem desfeitas.

Descrevemos a experiência traumática na dinâmica do pulsional e poderíamos nos perguntar o que a psicanálise propõe diante de tamanho desamparo presente na existência humana. Poderíamos até mesmo observar que estamos tratando de um sistema fadado a permanecer imerso em mal-estar. Mas não é esta a nossa aposta. Se nos referenciamos à psicanálise, ou seja, a um campo que propõe algo da ordem de uma experiência no trato com esse mal-estar, certamente não é para que esse mal-estar permaneça condenado à permanecer imutável.

A experiência traumática, seguida do comparecimento da angústia, também pode ser considerada a partir de uma outra ótica, sob a luz de mudanças. Esta experiência traz a possibilidade de transformação, traz a possibilidade de emergência do *novo*, pois a partir do *susto*, da *perplexidade*, coloca em movimento o que momentaneamente permanece paralisado. O que significa poder tomar a angústia como fonte de renovação.

A estrutura do psiquismo, com limitada capacidade de adaptação e realização como Freud sugere no *Mal estar na civilização*, não obriga ninguém a *permanecer paralisado* (tal como ocorre na neurose). Esta mesma estrutura psíquica sobretudo *disponibiliza*, a partir da possibilidade de emergência de novos sentidos, a tudo que se coloca contingencialmente um

exercício constante de cura, que consiste na insistência perene de desvencilhamento, fazendo com que possamos seguir, tal como a pulsão, para a ação.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ARENDT, H. A resposta de Sócrates - in ARENDT, H. A Vida do Espírito. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

BATAILLE, G. O erotismo. Porto Alegre: L&PM Editores, 1987.

BOURDIEU, P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CONTÉ, C. O real e o sexual de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

DOR, J. Estruturas e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ELIA, L. Corpo e Sexualidade em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____ História da sexualidade II: O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREUD, S. (1892) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. ESB Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1893) Estudos sobre a histeria. ESB Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1898) A sexualidade na etiologia das neuroses. ESB Vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

_____ (1906) Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. ESB Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- _____ (1908a) Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna. ESB Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1908b) Sobre as teorias sexuais infantis. ESB Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1909) Cinco lições de psicanálise. ESB Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1910a) Psicanálise ‘silvestre’. ESB Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1910b) A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. ESB Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1911) Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides). ESB Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. ESB Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1912) Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II). ESB Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1913) A disposição à neurose obsessiva. ESB Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1913) O interesse científico da psicanálise. ESB Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1914a) A história do movimento psicanalítico. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1914b) Sobre o narcisismo: uma introdução. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1915a) O Inconsciente. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1915b) A Pulsão e suas vicissitudes. ESB Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1917a) Conferência Introdutória XXI (O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais). ESB. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1917b) Conferência XVIII (Fixação em traumas – O inconsciente). ESB Vol. XVI. Rio de

- Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1917c) Conferência Introdutória XX (A vida sexual dos seres humanos). ESB Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1917d) Conferência Introdutória XXVI (A teoria da Libido e o Narcisismo) ESB. Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1917e) Uma dificuldade no caminho da psicanálise. ESB Vol XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1919) Uma criança é espancada. ESB Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1920a) Além do princípio do prazer. ESB Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1920b) A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. ESB Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1923a) A organização genital infantil. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1923b) O ego e o id. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987
- _____ (1923c) Dois verbetes de enciclopédia. ESB Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1987..
- _____ (1924a) O problema econômico do masoquismo. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1924b) A dissolução do complexo de Édipo. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1925 a) Um estudo autobiográfico. ESB Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1925b) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. ESB Vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1926) Inibições, sintomas e angústia. ESB Vol XX. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1927) O futuro de uma ilusão. ESB Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

- _____ (1930) O mal-estar na civilização. ESB Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1933a) Novas conferências introdutórias XXII ([Angústia] e vida [pulsional]). ESB Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987
- _____ (1933b) Novas conferências introdutórias XXXI (A dissecação da personalidade psíquica). ESB Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1933c) Por que a guerra?. ESB Vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1940a) Esboço de psicanálise. ESB Vol. XXIV. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- _____ (1940b) Esboço para a “comunicação preliminar” de 1893. ESB Vol. I. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e Repetição em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- _____ O mal radical em Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- _____ Introdução à Metapsicologia Freudiana vol. 3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- GAY, P. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GREEN, A. Pulsão de Morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante - in GREEN, A. [et al.] Pulsão de Morte, São Paulo: Escuta, 1988.
- _____ Narcisismo de Vida, Narcisismo de Morte. São Paulo: Escuta, 1988.
- JORGE, M.A.C. Sexo e Discurso em Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- HANNS, L. A teoria pulsional na clínica de Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1999.
- HANNS, L. Dicionário comentado do alemão em Freud. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.
- ITALO, A. A Tradição do “Conhecimento do Criador” Um ensaio sobre a artificialização da natureza. Dissertação de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1999.
- LACAN, J. O Seminário Livro 7 A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

- _____ O Seminário Livro 11 Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____ O Seminário Livro 20 Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____ Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LANTERI-LAURA, G. Leitura das Perversões. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. Vocabulário da Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- LAPLANCHE, J. Vida e Morte em Psicanálise. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- _____ Freud e a Sexualidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- _____ Fantasia Originária, Fantasias das Origens, Origem da Fantasia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- _____ A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual - in GREEN, A. [et al.] A Pulsão de Morte. São Paulo: Escuta, 1988.
- MAGNO, M.D. Pedagogia freudiana: Seminário de 1992. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____ A Naureza do Vínculo: Seminário de 1993. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
- _____ Psychopatia Sexualis: Seminário de 1996. Rio de Janeiro: Univercidade de Deus, 1996 e 1998.
- MENEZES, A. Haver Narcisismo. Rio de Janeiro: outra editora, 1991.
- MEZAN, R. Freud: A Trama dos Conceitos. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.
- MASSON, J.M. A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1887-1904. Rio de Janeiro: Imago, 1986.
- MANNONI, O. Freud: uma biografia ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

- MILNER, J.C. A obra clara: Lacan, a ciência, a filosofia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- NASSIM, S. A Diferença Sexual. Rio de Janeiro: outra editora, 1988.
- _____ A Lembrança do Silêncio: Mística, Filosofia e Psicanálise. Dissertação de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1999.
- POMMIER, G. A ordem sexual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- RUDGE, A.M. Pulsão e Linguagem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- SAFOUAN, M. Estudos sobre o Édipo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SANTOS, G. (et al) Vocabulário básico da nova psicanálise. Rio de Janeiro: Novamente editora, 1999.
- TOLEDO, M.T. A diferença sexual na psicanálise: entre o destino e a construção. Dissertação de Mestrado. PUC, Rio de Janeiro, 1997.
- VALAS, P. Freud e a Perversão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ZALTSMAN, N. A pulsão anarquista. São Paulo: Escuta, 1994.
- ZYGOURIS, R. Pulsões de vida. São Paulo: Escuta, 1999.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Maria Corrêa de Oliveira, intitulada " *O sexual e a pulsão na 2ª tópica: Uma articulação na teoria de freud*", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:



Prof. Octavio Almeida de Souza
(Orientador) PUC-Rio



Prof.ª Denise Berruezo Portinari
PUC-Rio



Prof.ª Claudia Amorim Garcia
PUC-Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, 20.11.2000.



Prof. Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas